



Universidade de Brasília

PROFGEO

MAIARA DA SILVA TAFFNER BEZERRA

**Narrativas do espaço brasileiro: o uso da literatura nacional como
ferramenta para o ensino de Geografia no 7º ano do Ensino Fundamental.**

**Brasília
Fevereiro/2026**

MAIARA DA SILVA TAFFNER BEZERRA

Orientadora: Prof^a. Dra. Ruth Elias de Paula Laranja

**Narrativas do espaço brasileiro: o uso da literatura nacional como ferramenta
para o ensino de Geografia no 7º ano do Ensino Fundamental.**

Trabalho apresentado para
a banca avaliadora como requisito
parcial para obtenção de título de
Mestre em Geografia do Mestrado
Profissional em Ensino de
Geografia em Rede Nacional da
Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof^a. Dra. Ruth Elias de Paula Laranja

**Brasília
Fevereiro/2026**

Narrativas do espaço brasileiro: o uso da literatura nacional como ferramenta para o ensino de Geografia no 7º ano do Ensino Fundamental.

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Ensino de Geografia em Rede Nacional (PROFGEO), na Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre; analisado em 27 de fevereiro de 2026, pela Banca Examinadora constituída pelos(as) seguintes professores(as):

Profa. Dra. Ruth Elias de Paula Laranja
Presidente, Universidade de Brasília (UnB)

Prof. Dr. Valdir Adilson Steinke
Universidade de Brasília (UnB)

Prof. Dra. Tatiana Rolim Soares Ribeiro
Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF)

AGRADECIMENTOS

A Deus, na pessoa de Jesus Cristo, meu alicerce que jamais me desamparou e à Virgem Maria, minha Mãe.

Ao meu amado marido Rafael e aos nossos filhos, João Paulo, Simão Pedro, Rafael Filho e ao que está em meu ventre, por me suportarem nos meus mais graves defeitos e porque por eles vale a luta e o labor desta vida.

Aos meus pais, Raimundo e Doraci, por terem me amado, me educado na certeza de que o bem e a honestidade sempre prevalecerão e por terem me condicionado uma boa e sólida educação.

Ao professor Valdir Steinke, que por tanto respeito às minhas polêmicas e controversas ideias resgatou em mim a vontade de falar sobre assuntos caros à Educação.

Ao professor Thomas Giulliano, grande mestre em minha vida, que me ensina tanto sobre Brasil em suas riquíssimas aulas, que se propõe a entregar o melhor de si aos seus alunos, ainda que tanto lhe custe, e também por me mostrar o valor da honestidade intelectual e assim, não permitir que eu seja uma bovina.

À minha querida professora e orientadora Ruth Laranja, que sempre tão paciente, respeitou os meus processos e dramas pessoais e que sempre recebeu tão abertamente as minhas ideias.

*Há que se cuidar do broto pra que a vida nos
dê flor e fruto.*

Milton Nascimento, 1983.

RESUMO

Esta pesquisa propõe uma sequência didática pautada no uso da literatura nacional como ferramenta para o ensino de Geografia no 7º ano do Ensino Fundamental. Diante de um cenário marcado pelo analfabetismo funcional e pela queda no índice de leitura entre os brasileiros, a proposta busca integrar obras da literatura brasileira ao conteúdo programático da Geografia do Brasil, conforme a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). O objetivo é resgatar o hábito da leitura, desenvolver o pensamento geográfico crítico, valorizar a literatura nacional e promover uma compreensão mais ampla e sensível do espaço geográfico do Brasil. A metodologia envolve a seleção de obras literárias representativas de cada região do país, articulando leitura coletiva e individual, atividades de natureza lúdica e produção de portfólios. Espera-se que a proposta contribua para a formação de sujeitos críticos, capazes de analisar a realidade sob múltiplas perspectivas culturais, sociais e espaciais, bem como de realizarem análises histórico-geográficas pautadas no Brasil do passado e no Brasil do presente.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; literatura brasileira; Educação Básica; leitura; pensamento geográfico

ABSTRACT

This research proposes a didactic sequence grounded in the use of national literature as a pedagogical tool for teaching Geography in the 7th grade of lower secondary education. In a context marked by functional illiteracy and a decline in reading rates among Brazilians, the proposal seeks to integrate works of Brazilian literature into the curricular content of Brazilian Geography, in accordance with the National Common Curricular Base (BNCC). The objective is to foster the reading habit, develop critical geographical thinking, valorize national literature, and promote a broader and more sensitive understanding of Brazil's geographical space.

The methodology involves the selection of literary works representative of each region of the country, articulating collective and individual reading practices, ludic-based activities, and the development of student portfolios. The proposal is expected to contribute to the formation of critical subjects capable of analyzing reality from multiple cultural, social, and spatial perspectives, as well as conducting historical-geographical analyses grounded in both past and present Brazil.

Keywords: Geography Education; Brazilian literature; Basic Education; reading; geographical thinking.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Síntese das obras selecionadas e temas geográficos correspondentes.....	26
Quadro 2 – Síntese de contos, temas geográficos e produtos finais	30
Quadro 3 – Relação das habilidades da BNCC com os contos selecionados	32
Quadro 4 – Relação das competências da BNCC com a proposta geoliterária.....	33

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
1.1. Justificativa	12
1.2. Objetivos	14
1.2.1. Geral	14
1.2.2. Específicos	14
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	15
2.1. A formação do pensamento geográfico e a leitura do mundo	15
2.2. Geoliteratura.....	17
3. METODOLOGIA	20
3.1. Abordagem e natureza da pesquisa	20
3.2. Identificação do problema e delimitação da pesquisa	20
3.3. Fundamentação teórico-metodológica da proposta	21
3.4. Procedimentos de seleção das obras literárias	22
3.5. Construção da sequência didática	23
3.6. Avaliação da proposta didática	24
3.7. Síntese metodológica.....	24
4. DETALHAMENTO DA PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA	25
4.1. Seleção das obras literárias a serem trabalhadas.....	25
4.2. Proposta de sequência didática.....	26
4.2.1. Organização do tempo e do espaço pedagógico	26
4.2.2. Atividades propostas e sequência de aplicação.....	28
4.2.3. Avaliação das atividades propostas	31
5. RESULTADOS.....	35
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS.....	40
APÊNDICE	44
ANEXOS	56

1. INTRODUÇÃO

Nas duas últimas décadas, a escola brasileira passou a conviver com um paradoxo cada vez mais visível: ampliou-se o acesso à escolarização, mas parte expressiva dos estudantes chega aos anos finais do Ensino Fundamental com dificuldades persistentes de leitura, interpretação e produção de sentidos. Dados do Indicador de Alfabetismo Funcional (INAF, 2024) apontam a permanência de um número significativo de brasileiros com níveis insuficientes de letramento funcional, isto é, com limitações para interpretar o que é lido. Em paralelo, a 6ª edição de *Retratos da Leitura no Brasil* (2024) mostra a queda do número de leitores e a diminuição da quantidade de livros lidos, especialmente entre crianças e adolescentes, indicando que a formação de novos leitores não tem se consolidado como prática cultural regular e socialmente disseminada.

A esse quadro somam-se transformações recentes das práticas culturais: a intensificação do consumo recreativo de telas e conteúdos digitais, sobretudo após a pandemia da Covid-19, que tem sido associada a prejuízos na atenção sustentada, na leitura aprofundada e na disponibilidade para atividades cognitivas que exigem concentração prolongada (DESMURGET, 2023).

Na escola, tais condições repercutem diretamente na qualidade das aprendizagens em todas as áreas do conhecimento, uma vez que o acesso aos conceitos, às explicações científicas e às linguagens próprias de cada componente curricular depende, em grande medida, do domínio da leitura e da interpretação textual.

No caso específico da Geografia, essa dependência torna-se ainda mais decisiva: o objeto da disciplina — o espaço geográfico — exige capacidades interpretativas, analíticas e relacionais, pois não se trata apenas de reconhecer lugares, nomes e paisagens, mas de compreender processos, conexões, escalas, permanências e transformações. Em outras palavras, ensinar Geografia na Educação Básica implica favorecer a formação do pensamento geográfico, isto é, um modo específico de ler o mundo a partir da espacialidade, articulando sociedade, natureza, cultura e técnica (CAVALCANTI, 2019; SANTOS, 2012).

A Base Nacional Comum Curricular - BNCC - (BRASIL, 2018) reforça esse horizonte formativo ao orientar que, no 7º ano do Ensino Fundamental, o estudo da Geografia se concentre na formação territorial do Brasil e em suas dinâmicas socioespaciais, econômicas, culturais e ambientais. No entanto, na prática escolar,

esse conjunto de conteúdos frequentemente é trabalhado de maneira fragmentada e descritiva, com dificuldades para mobilizar linguagens que promovam a leitura crítica do território e que, simultaneamente, contribuam para enfrentar o baixo letramento dos estudantes.

Diante disso, esta dissertação parte do entendimento de que o ensino de Geografia precisa ser pensado como experiência de leitura do mundo — e, portanto, como prática que se beneficia de mediações linguísticas e culturais capazes de atribuir sentido ao conhecimento geográfico e de ampliar o repertório interpretativo do aluno.

É nesse ponto que se insere a hipótese central desta pesquisa: a literatura brasileira, compreendida como linguagem social e histórica, pode funcionar como mediação potente para a leitura do espaço geográfico nacional. Textos literários não são registros factuais da realidade; são construções simbólicas que condensam experiências, conflitos, valores, imaginários e modos de vida situados no tempo e no espaço. Por isso, quando trabalhados com rigor metodológico e articulados a conceitos da Geografia escolar, podem ampliar a capacidade de interpretação dos estudantes, favorecer o letramento crítico e ativar o pensamento geográfico por meio da análise das paisagens, dos territórios e das relações sociedade–natureza narradas (LAJOLO, 2002; CANDIDO, 2006; CAVALCANTI, 2019). Nessa direção, a literatura é assumida aqui não como “ilustração” do conteúdo, mas como linguagem que permite acessar o espaço vivido e representado, problematizando o território brasileiro a partir de narrativas que mobilizam dimensões culturais, sociais, econômicas e ambientais.

Com base nesses pressupostos, esta dissertação — desenvolvida no âmbito do Mestrado Profissional em Ensino de Geografia (PROFGEO) — tem como produto educacional a elaboração de uma sequência didática destinada ao 7º ano do Ensino Fundamental, articulando contos da literatura brasileira aos conteúdos de Geografia do Brasil previstos na BNCC.

A escolha do gênero conto responde a uma preocupação didática: por sua brevidade e economia narrativa, o conto tende a ser mais viável para leituras mediadas no cotidiano escolar e pode reduzir a evasão de leitura, favorecendo o acompanhamento coletivo e a construção progressiva de interpretações.

Além disso, a seleção das obras foi orientada por critérios que consideram a centralidade do espaço na narrativa e sua capacidade de revelar processos territoriais, de modo a possibilitar análises geográficas que ultrapassem a descrição e alcancem

relações, conflitos, permanências e transformações.

Metodologicamente, a proposta inspira-se no *Atlas das Representações Literárias de Regiões Brasileiras* (IBGE, 2006; 2009; 2016; 2021), que introduz a dimensão cultural como via legítima de interpretação geográfica do Brasil e compreende a literatura como linguagem capaz de revelar identidades regionais, imaginários espaciais e processos históricos. Considerando a necessidade de coerência com a Geografia escolar e com os currículos vigentes, a pesquisa adapta a metodologia do Atlas à regionalização oficial (Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul), recorte mais frequentemente utilizado em materiais didáticos e no trabalho pedagógico do 7º ano. Como cuidado teórico-metodológico adicional, assume-se que o interesse geográfico do texto literário não reside em sua “veracidade empírica”, mas na forma como o espaço estrutura a trama, condiciona ações e evidencia relações sociais e territoriais — aspecto que orienta a escolha de narrativas nas quais o espaço se integra ao desenrolar da ação, evitando o uso do texto apenas como cenário decorativo.

Dessa forma, a pesquisa se orienta pela seguinte pergunta: **de que maneira o uso de contos da literatura brasileira, articulados aos conteúdos da Geografia do Brasil, pode contribuir para o desenvolvimento do pensamento geográfico e do letramento crítico de estudantes do 7º ano do Ensino Fundamental?** Parte-se da hipótese de que a articulação sistemática entre literatura e ensino de Geografia favorece a leitura profunda, amplia as capacidades de interpretação textual, fortalece o raciocínio geográfico e promove uma compreensão mais sensível e contextualizada do espaço brasileiro, ao aproximar o conteúdo escolar de experiências humanas e territorialidades narradas em linguagem literária.

Por fim, quanto à organização do texto, esta dissertação apresenta: (a) a justificativa do problema e do recorte, situando-o nos desafios contemporâneos da leitura e do ensino de Geografia; (b) os objetivos geral e específicos; (c) a fundamentação teórica, discutindo pensamento geográfico, leitura do mundo e aproximações entre Geografia e literatura; (d) a metodologia, detalhando a natureza propositiva da pesquisa e os critérios de seleção das obras; (e) o detalhamento do produto educacional, com a sequência didática, suas etapas e instrumentos; e, por fim, (f) os resultados esperados e as considerações finais, retomando os limites e as potencialidades da proposta para aplicação futura e para a prática docente.

1.1. Justificativa

Um dos principais desafios enfrentados por professores da Educação Básica refere-se às dificuldades de leitura e escrita apresentadas por estudantes nominalmente tidos como alfabetizados, mas que não desenvolveram plenamente competências de interpretação e análise textual. Esse baixo nível de letramento compromete não apenas o desempenho em Língua Portuguesa, mas atravessa todos os componentes curriculares, incluindo a Geografia.

Nesse contexto, tem-se que a leitura no Brasil atravessa um cenário de acentuado declínio, evidenciado por dados recentes da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*. De acordo com a 6ª edição do levantamento, divulgada em 2024, apenas 47% da população brasileira pode ser considerada leitora, enquanto 53% se declararam não leitores, configurando, pela primeira vez na série histórica, uma maioria absoluta de pessoas que não mantêm práticas regulares de leitura. Esse dado representa uma queda significativa quando comparado aos levantamentos anteriores, uma vez que, em 2007, o percentual de leitores no país era de 55%, revelando um processo contínuo de enfraquecimento dos hábitos de leitura no contexto social brasileiro.

Além da redução no número de leitores, observa-se também uma diminuição na intensidade da leitura. A média anual de livros lidos por habitante caiu de 4,95 em 2019 para 3,96 em 2024, sendo apenas 2,07 livros inteiros lidos ao longo do ano. Esse quadro revela não apenas a diminuição quantitativa da leitura, mas também a fragmentação dessa prática, cada vez mais marcada por leituras parciais ou descontínuas. No âmbito escolar, o cenário torna-se ainda mais preocupante, uma vez que a média de livros lidos por indicação da escola é significativamente inferior àqueles lidos por iniciativa própria, evidenciando fragilidades no papel da instituição escolar enquanto espaço de formação leitora.

Os dados mais recentes do Indicador de Analfabetismo Funcional (INAF) corroboram com os argumentos já apresentados ao evidenciarem a persistência de graves desafios no que se refere ao domínio da leitura no país, uma vez que desde 2006 cerca de 29% da população brasileira entre 15 e 64 anos permanece em condição de analfabetismo funcional, mesmo após décadas de expansão do acesso à escolarização formal. O estudo demonstra ainda, que a conclusão do Ensino Fundamental e até do Ensino Médio não assegura, necessariamente, a apropriação

da leitura como prática social significativa, visto que uma parcela expressiva dos escolarizados permanece nos níveis rudimentar ou elementar de alfabetismo.

Ao conceber o alfabetismo como a capacidade de compreender, interpretar e utilizar informações escritas em contextos reais da vida cotidiana — incluindo ambientes digitais e multimodais —, o INAF reforça a necessidade de práticas pedagógicas que ultrapassem o ensino mecânico da leitura.

Esse cenário dialoga diretamente com as análises de Michel Desmurget (2023), que demonstram, a partir de ampla revisão científica, que a exposição excessiva e recreativa às telas compromete a atenção sustentada, a concentração e a capacidade de leitura profunda, ao mesmo tempo em que desloca práticas culturais fundamentais, como a leitura literária, a escrita e a reflexão prolongada. Ao desmontar o mito dos “nativos digitais” e evidenciar a ausência de ganhos cognitivos associados ao uso indiscriminado de tecnologias no ensino, o neurocientista cognitivo francês reforça a necessidade de metodologias pedagógicas que valorizem práticas formativas intencionais e mediadas

Associando os dados e informações até aqui levantados com o que Cavalcanti (2019) defende acerca do ensino de Geografia, tem-se que essa autora afirma que essa ciência enfrenta o desafio persistente de superar práticas pedagógicas fragmentadas e pouco significativas, ainda marcadas pela centralidade da aula expositiva e pela dificuldade de atribuir sentido social aos conteúdos trabalhados.

Cavalcanti (2019) destaca ainda que ensinar Geografia não se resume à transmissão de informações, mas à formação do pensamento geográfico, isto é, ao desenvolvimento de um modo específico de interpretar a realidade a partir da articulação entre espaço, sociedade, natureza e cultura. Nesse sentido, a autora enfatiza a centralidade das linguagens como mediações didáticas fundamentais, defendendo metodologias que promovam a leitura crítica do espaço vivido.

Nesse contexto, a utilização da literatura como instrumento metodológico no ensino de Geografia apresenta-se como uma resposta pedagógica consistente, ao promover experiências de leitura profunda, interpretação crítica e compreensão do espaço geográfico como construção histórica, social e cultural, contribuindo simultaneamente para o fortalecimento do letramento e para o desenvolvimento do pensamento geográfico crítico.

A escolha de estudantes de 7º ano do Ensino Fundamental como público-alvo desta proposta se deu principalmente porque a BNCC coloca entre os objetos do conhecimento de Geografia dessa série as ideias e concepções sobre a formação territorial do Brasil, as características da população brasileira, mapas temáticos do Brasil e biodiversidade brasileira. (BRASIL, 2018).

Assim, a escolha da literatura brasileira como recurso pedagógico voltado às aprendizagens da Geografia do 7º ano do Ensino Fundamental justifica-se ainda por sua capacidade de revelar dimensões culturais, sociais, econômicas e ambientais do território nacional, permitindo que o estudante reconheça diferentes realidades regionais e desenvolva uma leitura crítica e analítica do espaço vivido e representado, ainda que sob a ótica de obras de ficção.

1.2. Objetivos

1.2.1. Geral

Apresentar uma proposta de sequência didática em Geografia para turmas do 7º ano do Ensino Fundamental, tendo a literatura brasileira como recurso pedagógico, de modo a favorecer práticas de leitura e a interpretação de textos literários no contexto do ensino dessa disciplina.

1.2.2. Específicos

- ✓ Favorecer o desenvolvimento da leitura e da interpretação textual por meio do uso de obras literárias brasileiras no ensino de Geografia.
- ✓ Promover a análise das dinâmicas do território nacional a partir da leitura de obras literárias brasileiras.
- ✓ Comparar os aspectos geográficos identificados nas obras literárias com dados, mapas e outras representações do território brasileiro.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. A formação do pensamento geográfico e a leitura do mundo

A pergunta que orienta a práxis pedagógica do professor de Geografia na Educação Básica pode ser sintetizada na indagação formulada por Cavalcanti (2019): “Qual pode ser a contribuição efetiva e peculiar da Geografia que justifica sua permanência como disciplina na escola básica?” (p. 62). Tal questionamento desloca o debate para o campo da epistemologia da Geografia e para sua função formativa no currículo escolar.

Para Cavalcanti (2019), há uma relação intrínseca entre o ensino da disciplina e o desenvolvimento do pensamento geográfico, uma vez que: “há uma estreita ligação entre o ensino de Geografia e o desenvolvimento da capacidade de pensamento geográfico. Essa capacidade, por sua vez, está ligada aos instrumentos simbólicos próprios desse campo” (CAVALCANTI, 2019, p. 140).

O pensamento geográfico não se reduz à memorização de conteúdos ou à descrição de fenômenos, mas implica a construção de uma forma específica de interpretar a realidade a partir da espacialidade. Evocando Paulo César Gomes, Cavalcanti ressalta que o olhar geográfico se caracteriza pela “busca por princípios de coerência dentro da ordem espacial”, sendo, portanto, “um ato de qualificar o espaço” (CAVALCANTI, 2019, p. 68).

O espaço geográfico, objeto central da Geografia, é compreendido como construção histórica e relacional. Milton Santos (2012) define-o como o resultado da interação entre sistemas de objetos e sistemas de ações, articulados ao longo do tempo. Em sua formulação clássica, afirma: “O espaço é um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações” (SANTOS, 2012, p. 63).

Essa definição evidencia que o espaço não é cenário neutro, mas produto histórico das relações sociais, técnicas e econômicas. Trata-se de categoria complexa, cuja compreensão exige análise das múltiplas escalas e temporalidades que estruturam o território.

No contexto da Educação Básica, essa complexidade impõe desafios pedagógicos. Como apontam Macêdo (2015) e Rodrigues, Costa Junior e Pereira (2023), o conceito de espaço ultrapassa a dimensão perceptível do cotidiano, exigindo mediações didáticas que favoreçam sua compreensão crítica. Parte-se, portanto, do

espaço vivido — o lugar — como categoria inicial de análise, ampliando progressivamente a escala interpretativa.

A experiência cotidiana constitui o primeiro contato do sujeito com as diferenças regionais, ambientais e culturais que estruturam o território. É nesse movimento entre vivência e reflexão que se inicia a formação do pensamento geográfico.

Essa dimensão experiencial do espaço é evocada de forma exemplar por Aziz Ab'Saber ao rememorar sua infância e ao comentar a narrativa de Graciliano Ramos em *Infância*. Ao descrever a travessia do sertão para a zona costeira, Ab'Saber observa:

No livro *Infância*, de Graciliano Ramos, há alguns fatos interessantes sobre a sua saída de Buíque, no sertão de Pernambuco, até a zona costeira. O menino Graciliano estava transpondo os aspectos de Pernambuco. Os rios estavam secos e, à medida que ele caminhava, passava aquele pouquinho de água, um fiozinho, a vegetação começava a ser maior, mais densa, e então as águas ficavam mais caudalosas, mais propriamente rio. De repente, chega a lugares em que não dava mais para pensar nos rios do sertão; era outro mundo. Comigo, de pequeno, foi a mesma coisa: não sabia nada de geografia, mas me dei conta de que estava saindo do meu mundo. (AB'SABER, 2007, p. 17).

O relato revela que a percepção das diferenças espaciais antecede a formalização conceitual. Antes de nomear a região, o sujeito percebe a mudança; antes de definir a paisagem, ele a sente; antes de compreender o território como categoria analítica, ele experimenta a transição entre mundos distintos. A formação do pensamento geográfico, nesse sentido, não começa nos manuais, mas na experiência sensível da espacialidade.

Nesse movimento, a leitura do mundo torna-se eixo estruturante do ensino de Geografia. Lajolo (2002), ao afirmar que “lê-se para entender o mundo, para viver melhor” (p. 7), oferece formulação que dialoga diretamente com o propósito formativo da disciplina. Se a leitura literária amplia horizontes interpretativos, a leitura geográfica organiza esses horizontes a partir da espacialidade.

É precisamente nesse ponto que a literatura se apresenta como mediação privilegiada. Ao narrar deslocamentos, contrastes ambientais, tensões sociais e transformações históricas, o texto literário capta a experiência concreta do espaço vivido e permite que o leitor reconstrua mentalmente paisagens, territórios e identidades.

Antonio Candido (2006), ao discutir a relação entre literatura e sociedade, afirma que a obra literária constitui forma específica de compreensão da realidade

social, uma vez que nela se condensam experiências históricas e tensões coletivas. Segundo o autor, a literatura possibilita ao indivíduo compreender a si mesmo e aos outros no interior das relações sociais historicamente constituídas. Em suas palavras:

(...) as manifestações artísticas são inerentes à própria vida social, não havendo sociedade que não as manifeste como elemento necessário à sua sobrevivência, pois, como vimos, elas são uma das formas de atuação sobre o mundo e de equilíbrio coletivo e individual. São, portanto, socialmente necessárias, traduzindo impulsos e necessidades de expressão, de comunicação e de integração que não é possível reduzir a impulsos marginais de natureza biológica. Encaradas sob o aspecto funcional, ou multifuncional, como foi sugerido acima, adquirem um sentido expressivo atuante, necessário à existência do grupo, ao mesmo título que os fenômenos econômicos, políticos, familiares ou mágico-religiosos, integrando-se no complexo de relações e instituições a que chamamos abstratamente sociedade. (CANDIDO, 2006. p. 78-79)

A partir dessa perspectiva, a literatura pode ser compreendida como linguagem capaz de revelar dimensões históricas, culturais e espaciais da realidade social, aproximando-se das formas de leitura do mundo mobilizadas pelo pensamento geográfico. Assim, a leitura literária não apenas amplia horizontes culturais, mas também pode contribuir para organizar o olhar geográfico, transformando a experiência sensível em compreensão crítica do espaço.

Essa compreensão legitima a articulação entre Geografia e literatura: ambas constituem formas de interpretação do mundo. Enquanto a Geografia sistematiza a análise espacial, a literatura traduz simbolicamente as experiências que configuram o território.

2.2. Geoliteratura

A aproximação entre Geografia e literatura não constitui proposta recente. Em *Geografia Literária*, Mauro Mota (1961) já defendia que a literatura é caminho privilegiado para a compreensão espacial. Para o autor: “É a linguagem literária o instrumento essencial para comunicá-la.”

Ao afirmar isso, Mota desloca o foco da técnica para a expressão. Bússolas, altímetros, termômetros e mapas são indispensáveis à pesquisa, mas “não a completam e comunicam” (MOTA, 1961). O geógrafo, segundo ele, não cria fenômenos; compete-lhe identificá-los e torná-los inteligíveis por meio da linguagem.

Em outro momento, sustenta que o conhecimento das secas nordestinas “não está somente nos relatórios técnicos”, mas também nos romances e narrativas que expressam a tragédia humana e ambiental. Ao reconhecer que o geógrafo “se debate

entre a paixão científica e a arte literária”, retomando Pierre Monbeig, Mota antecipa debate contemporâneo acerca da dimensão subjetiva da compreensão espacial.

Essa tradição é aprofundada ontologicamente por Ruy Moreira (2008), ao afirmar que espaço e tempo são indissociáveis: “Não existe tempo fora do espaço, e espaço fora do tempo, uma vez que o real é o espaço-temporal” (MOREIRA, 2008, p. 144).

Nessa perspectiva, a literatura não pode ser compreendida como discurso desvinculado do real, pois “a literatura não é, assim, alheia à realidade humana” (MOREIRA, 2008, p. 146). O autor acrescenta que “o viver humano é unidade do simbólico e do real” (MOREIRA, 2008, p. 145), superando a dicotomia entre objetividade científica e subjetividade artística.

Ao afirmar que “a linguagem do espaço” constitui “riqueza de fala de mundo” (MOREIRA, 2008, p. 150), legitima-se o romance como forma de análise crítico-espacial. Essa concepção encontra eco em Steinke (2025), que defende que, ao incorporar a poética como método e expressão, a Geografia reafirma sua vocação transdisciplinar, unindo ciência e arte.

No campo do ensino, entretanto, a utilização da literatura exige rigor metodológico. Lajolo (2002) critica práticas pedagógicas que reduzem o texto literário a instrumento de motivação ou a atividades superficiais. Afirma a autora: “Técnicas milagrosas para convívio harmonioso com o texto não existem.” E complementa: “Ou o texto dá um sentido ao mundo, ou ele não tem sentido nenhum.”

A autora também destaca a importância da inscrição do texto em sua época de produção, defendendo que a contextualização histórica permite compreender a obra em sua densidade concreta. Esse ponto dialoga diretamente com a proposta desta pesquisa, que busca relacionar narrativas literárias aos processos de formação territorial do Brasil.

Silva e Barbosa (2014) alertam, por sua vez, que o trabalho interdisciplinar exige equilíbrio entre linguagem literária e linguagem geográfica, uma vez que a ficção não está obrigada à fidelidade empírica. O rigor metodológico torna-se, assim, condição indispensável para que a abordagem geoliterária não incorra em reducionismos.

A Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) estabelece que, no 7º ano, o ensino de Geografia centra-se na formação territorial do Brasil, em sua dinâmica

sociocultural, econômica e físico-natural. Nesse contexto, a literatura regionalista apresenta-se como campo fecundo para a problematização das desigualdades socioespaciais, das identidades regionais e dos processos históricos que estruturam o território.

Dessa forma, a abordagem geoliterária proposta nesta pesquisa fundamenta-se em tradição teórica consolidada, em perspectiva epistemológica que reconhece a espacialidade como dimensão constitutiva da experiência humana e em compreensão pedagógica que preserva a densidade simbólica da obra literária. A literatura não é aqui concebida como ilustração, mas como linguagem capaz de revelar as múltiplas camadas do espaço geográfico.

3. METODOLOGIA

3.1. Abordagem e natureza da pesquisa

A presente pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza aplicada e propositiva, desenvolvida no âmbito de um mestrado profissional em ensino, cujo objetivo central consiste na elaboração e fundamentação teórico-metodológica de um produto educacional — uma sequência didática sugerida para o ensino de Geografia no 7º ano do Ensino Fundamental, pautada no uso da literatura brasileira como instrumento metodológico.

A opção pela abordagem qualitativa justifica-se por permitir a compreensão dos fenômenos educacionais em sua complexidade, considerando os significados atribuídos pelos sujeitos às práticas pedagógicas e aos processos de ensino e aprendizagem. Trata-se, ainda, de uma pesquisa aplicada, uma vez que busca responder a um problema concreto da prática docente, sem implicar intervenção empírica no contexto escolar no âmbito desta pesquisa, articulando investigação científica e proposição pedagógica (GIL, 2010).

3.2. Identificação do problema e delimitação da pesquisa

A pesquisa tem origem na constatação de dois problemas centrais no contexto da Educação Básica brasileira:

- a) a queda nos índices de leitura e o avanço do analfabetismo funcional;
- b) as dificuldades no desenvolvimento do pensamento geográfico crítico, especialmente no que se refere à compreensão do território brasileiro como construção histórica, social e cultural.

No ensino de Geografia, esses problemas manifestam-se, frequentemente, na fragmentação dos conteúdos e no predomínio de práticas excessivamente descritivas, pouco articuladas a linguagens diversificadas (CAVALCANTI, 2013).

Diante desse cenário, formulou-se o seguinte problema de pesquisa: de que maneira o uso da literatura brasileira, no gênero conto, articulado aos conteúdos da Geografia do Brasil, pode contribuir para o desenvolvimento do pensamento geográfico e do letramento crítico de estudantes do 7º ano do Ensino Fundamental, a partir de uma proposta didática teoricamente fundamentada.

3.3. Fundamentação teórico-metodológica da proposta

A proposta metodológica parte dos problemas já identificados e fundamenta-se no diálogo entre Geografia, Literatura e Educação.

A escolha das obras literárias foi norteada pelo *Atlas das Representações Literárias de Regiões Brasileiras*, publicado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Essa obra introduz a dimensão cultural na análise do espaço geográfico, compreendendo a literatura como linguagem capaz de revelar identidades regionais, imaginários espaciais e processos históricos que estruturam o território brasileiro (IBGE, 2006; 2009; 2016; 2021).

O Atlas adota a concepção de região como espaço vivido, entendida como um constructo histórico e cultural, marcado por práticas sociais, valores simbólicos e relações de pertencimento (FRÉMONT, 1980).

Tal concepção dialoga com a tradição da Geografia crítica brasileira, que compreende o espaço como produto das relações sociais historicamente construídas e materializadas nas formas espaciais. Nessa perspectiva, o espaço não é entendido como mero suporte físico das atividades humanas, mas como instância ativa da produção social, resultado da articulação entre trabalho, técnica e relações de poder (SANTOS, 2012). Moraes (2005) destaca que o espaço geográfico expressa contradições sociais e processos históricos, constituindo-se como categoria fundamental para a análise da realidade brasileira. De modo semelhante, Vesentini (2008) argumenta que o ensino de Geografia deve possibilitar ao estudante compreender o espaço como construção social, superando abordagens descritivas e naturalizantes.

No que se refere ao papel do espaço na narrativa literária, a presente pesquisa fundamenta-se na sistematização realizada pelo próprio Atlas, que distingue diferentes formas de inserção do espaço na trama, privilegiando aquelas em que o território emerge como elemento estruturante da ação e não apenas como cenário descritivo (IBGE, 2006). Essa perspectiva orientou a seleção dos contos utilizados nesta proposta.

Embora o Atlas utilize regionalizações culturais próprias, esta pesquisa opta por adaptar sua metodologia à regionalização oficial do Brasil (Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul), por se tratar do recorte adotado nos currículos

escolares e nos materiais didáticos da Educação Básica, em consonância com a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018).

Ressalta-se que, no âmbito desta pesquisa, a literatura é compreendida como produção ficcional, não sendo utilizada como registro factual da realidade, mas como linguagem capaz de revelar representações, percepções e imaginários espaciais. Conforme a metodologia adotada no Atlas (IBGE, 2006), a ficção literária constitui um meio privilegiado de acesso ao espaço vivido, permitindo a análise das relações entre território, ação humana e construção simbólica do espaço.

Assim, o interesse geográfico das obras literárias não reside na veracidade empírica da narrativa, mas na forma como o espaço estrutura a trama, condiciona comportamentos e revela processos territoriais. Do ponto de vista didático, a literatura é trabalhada de forma articulada a mapas, imagens e textos científicos, possibilitando a comparação entre o espaço ficcional e o espaço geográfico e contribuindo para o desenvolvimento do pensamento geográfico crítico.

3.4. Procedimentos de seleção das obras literárias

A seleção das obras literárias constituiu etapa central da pesquisa e foi orientada por critérios inspirados diretamente na metodologia do Atlas do IBGE. Foram selecionados contos da literatura brasileira, priorizando-se obras em domínio público ou de ampla circulação, adequadas à leitura mediada no contexto da escola pública.

A opção pelo gênero conto justifica-se por se tratar de narrativas mais breves, quando comparadas ao romance, o que reduz a possibilidade de desinteresse dos estudantes ao longo do processo de leitura. Conforme aponta Alfredo Bosi, no conto “a palavra curta” tem seu “peso medido nas suas ressonâncias simbólicas” (BOSI, 1977, p. 19).

Os critérios de escolha consideraram: a centralidade do espaço na narrativa; a capacidade da obra de revelar processos territoriais; a representação da região como espaço vivido; autores brasileiros reconhecidos nacional e internacionalmente; a adequação à faixa etária do 7º ano; a disponibilidade em domínio público; e a possibilidade de articulação com competências e habilidades previstas na BNCC (BRASIL, 2018).

Essa escolha metodológica dialoga com estudos que defendem o uso de

múltiplas linguagens no ensino de Geografia como forma de ampliar a compreensão do espaço geográfico e promover aprendizagens significativas (CALLAI, 2005; CAVALCANTI, 2013).

A respeito da adequação etária das obras ao público do 7º ano do Ensino Fundamental, reconhece-se que determinados textos, embora literariamente relevantes, apresentam linguagem, temas ou construções narrativas que exigem mediação pedagógica intensiva. Assim, a seleção levou em conta a possibilidade de leitura orientada, a contextualização histórica prévia, a problematização de temas sensíveis e a fragmentação estratégica de trechos quando necessário. A mediação docente constitui, portanto, elemento estruturante da proposta, garantindo que a complexidade literária não se converta em obstáculo à aprendizagem, mas em oportunidade de aprofundamento crítico.

3.5. Construção da sequência didática

A construção da sequência didática fundamenta-se nos pressupostos da didática da Geografia sistematizados por Cavalcanti (2013), especialmente no que se refere à centralidade do desenvolvimento do pensamento geográfico como finalidade do ensino. Parte-se da compreensão de que o ensino dessa disciplina não deve restringir-se à transmissão descritiva de conteúdos regionais, mas orientar-se pela formação de modos de pensar espacialmente, mobilizando categorias como espaço geográfico, território, paisagem, lugar e região. Nesse sentido, a proposta articula conhecimento científico e experiências espaciais vividas pelos estudantes, promovendo mediação intencional entre saber cotidiano e conceitos sistematizados.

Tal orientação pressupõe a organização de situações didáticas que favoreçam análise, comparação e interpretação crítica das dinâmicas socioespaciais, compreendendo o ensino de Geografia como prática social voltada à leitura do território e à formação cidadã (CAVALCANTI, 2013).

A literatura é concebida, nesta proposta, como instrumento metodológico para a leitura e interpretação do espaço geográfico, na medida em que possibilita a apreensão simbólica das relações sociedade–natureza e dos processos de constituição do território. Parte-se do entendimento de que o espaço não se reduz à materialidade física, mas é produzido historicamente pelas práticas sociais, culturais e econômicas, podendo ser analisado por meio de diferentes linguagens, entre elas

a literária. Ao incorporar narrativas ficcionais ao ensino de Geografia, busca-se ampliar as possibilidades de compreensão das dinâmicas territoriais, favorecendo a análise crítica das formas de uso e apropriação do espaço, bem como das desigualdades socioespaciais nele inscritas. Tal perspectiva encontra respaldo na defesa de uma Geografia escolar voltada à leitura do mundo e à problematização das experiências espaciais, compreendendo o espaço como construção histórica e social e reconhecendo sua dimensão simbólica e vivida (CALLAI, 2005; SOUZA, 2013). Nesse contexto, a literatura é assumida como linguagem mediadora capaz de evidenciar tais dimensões do território.

A proposta organiza-se em etapas progressivas, envolvendo levantamento de conhecimentos prévios, leitura mediada, articulação entre literatura e mapas, atividades analíticas e produção de registros.

3.6. Avaliação da proposta didática

A avaliação assume caráter teórico-analítico, uma vez que a sequência didática não foi aplicada em contexto escolar no âmbito desta pesquisa. A análise fundamenta-se na coerência interna da proposta, na articulação entre objetivos, conteúdos, procedimentos metodológicos e estratégias avaliativas, bem como em sua aderência às orientações da BNCC (BRASIL, 2018).

A proposta é apresentada como passível de aplicação futura e de adaptação por docentes da Educação Básica.

3.7. Síntese metodológica

Ao longo do percurso investigativo, a pesquisa articulou fundamentação teórica e elaboração de um produto educacional, compreendendo a metodologia como processo reflexivo e dinâmico. A utilização da literatura brasileira como instrumento metodológico configura-se como estratégia para a leitura crítica do território brasileiro (IBGE, 2006; BRASIL, 2018).

A coerência entre problema, objetivos, fundamentação teórica e produto educacional constitui o eixo estruturante da proposta.

4. DETALHAMENTO DA PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA

A proposta descrita neste capítulo constitui sistematização didática elaborada para aplicação futura, podendo ser adaptada às especificidades de diferentes contextos escolares.

4.1. Seleção das obras literárias a serem trabalhadas

A sequência didática proposta estrutura-se a partir da articulação entre literatura brasileira e os conteúdos de Geografia do 7º ano do Ensino Fundamental, tomando como eixo central a abordagem das cinco regiões do Brasil. Partindo da concepção de espaço geográfico como construção histórica e social, conforme discutido na fundamentação teórica desta pesquisa, a literatura é tratada como instrumento mediador capaz de ampliar o imaginário espacial do estudante, permitindo-lhe acessar diferentes territorialidades, modos de vida e dinâmicas socioespaciais para além de sua experiência cotidiana. Cada conto selecionado foi escolhido não apenas por sua representatividade regional, mas sobretudo por sua potencialidade de revelar relações entre sociedade e natureza, formas de uso e ocupação do território, processos históricos e identidades culturais.

A organização do trabalho regional fundamenta-se na definição de eixos socioespaciais predominantes, evitando uma abordagem meramente descritiva das regiões e privilegiando a análise crítica do território brasileiro em sua diversidade. Assim, a Região Norte é trabalhada a partir da dinâmica das águas e da territorialidade ribeirinha; o Nordeste, sob a perspectiva das relações de poder e desigualdade no espaço rural; o Sudeste, por meio dos contrastes entre modernização urbana e organização produtiva rural; o Centro-Oeste, a partir da mobilidade pastoril e da ocupação do interior; e o Sul, mediante a formação da identidade territorial vinculada à pecuária e ao bioma dos Pampas. Tal organização possibilita ao estudante compreender que as regiões não são recortes homogêneos, mas resultam de processos históricos, econômicos e culturais específicos, que se manifestam na paisagem e na vida cotidiana. A íntegra dos contos selecionados pode ser acessada nos Anexos I, II, III, IV, V e VI deste documento.

O quadro a seguir sintetiza a estrutura geral da sequência didática geoliterária proposta.

Quadro 1 – Síntese das obras selecionadas e temas geográficos correspondentes.

Região	Conto(s)	Autor(es)	Eixo Geográfico Dominante	Conceitos Estruturantes
Norte	O Boto	José Veríssimo	Dinâmica das águas e territorialidade ribeirinha	Território; paisagem; circulação fluvial; cheia e vazante; economia pesqueira
Nordeste	Um Cinturão	Graciliano Ramos	Poder, patriarcalismo e organização social do espaço rural	Território; poder; desigualdade socioespacial; organização familiar
Sudeste	O Sítio de Dona Benta; A Peste	Monteiro Lobato; João do Rio	Modernização e contrastes urbano-rurais	Paisagem; urbanização; modernização; organização produtiva; saúde pública
Centro-Oeste	Mágoa de Vaqueiro	Hugo de Carvalho	Sertão, mobilidade e pecuária extensiva	Território; mobilidade; uso do solo; identidade cultural
Sul	Trezentas Onças	João Simões Lopes Neto	Pampa, pecuária e identidade territorial	Território; paisagem; identidade regional; economia pecuarista

Fonte: elaborado pela autora (2026).

4.2. Proposta de sequência didática

4.2.1. Organização do tempo e do espaço pedagógico

A aplicação da sequência didática foi estruturada considerando a organização regular do calendário escolar dos anos finais do Ensino Fundamental adotado pela Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF), que é distribuído em quatro bimestres letivos. Cada bimestre contempla, em média, 30 aulas de Geografia, organizadas em três encontros semanais.

A proposta não substitui integralmente o planejamento anual da disciplina, mas integra-se a ele como eixo metodológico articulador do estudo das cinco regiões brasileiras e demais conteúdos abordados no 7º ano do EF.

Em cada bimestre, aproximadamente 10 a 12 aulas são destinadas ao desenvolvimento das atividades vinculadas ao conto selecionado para a região em pauta, enquanto as demais aulas permanecem dedicadas ao aprofundamento conceitual, à ampliação de conteúdos curriculares, à realização de avaliações e à retomada de habilidades que demandem consolidação. Essa organização busca assegurar viabilidade prática e coerência com a carga horária disponível, evitando sobreposição de conteúdos e garantindo continuidade pedagógica ao longo do ano letivo.

A distribuição interna dessas 10 a 12 aulas obedece a uma lógica progressiva, organizada em três momentos didáticos articulados: (1) leitura e contextualização da obra e de seu autor, incluindo aspectos biográficos e históricos; (2) análise geográfica do espaço representado na narrativa, com identificação de conceitos estruturantes como território, paisagem, redes, escalas e relações sociedade–natureza; e (3) sistematização e produção final, integrando o Portfólio Geoliterário individual do estudante.

Ao longo desse percurso, as atividades de leitura coletiva, preenchimento de fichas interpretativas, comparações entre passado e presente, análise de músicas regionais e elaboração de produções criativas são distribuídas de maneira equilibrada, evitando concentração excessiva em um único momento e favorecendo a articulação contínua entre literatura e conhecimento geográfico.

No que se refere à organização do espaço pedagógico, as atividades foram planejadas para ocorrer tanto individualmente quanto em grupo, conforme a intencionalidade formativa de cada proposta. As leituras compartilhadas, os debates interpretativos, as análises comparativas de paisagens e as produções criativas de fechamento regional privilegiam o trabalho colaborativo, promovendo a construção coletiva do raciocínio geográfico e o desenvolvimento da argumentação. Por sua vez, as fichas de leitura, os registros reflexivos e a organização do Portfólio Geoliterário configuram-se como momentos de sistematização individual, permitindo que cada estudante elabore sua própria interpretação do espaço estudado.

Quanto aos ambientes de realização, a sequência prevê o uso diversificado dos espaços escolares — sala de aula, biblioteca e outros ambientes destinados à pesquisa — além de atividades específicas a serem desenvolvidas no ambiente doméstico, como leituras prévias e organização escrita das análises individuais. Tal organização busca equilibrar autonomia intelectual e aprendizagem colaborativa, assegurando que o processo formativo se desenvolva de maneira integrada entre os diferentes contextos de vivência do estudante.

4.2.2. Atividades propostas e sequência de aplicação

A aplicação da sequência inicia-se, no primeiro bimestre, com uma atividade diagnóstica de leitura e interpretação textual, cujo objetivo é identificar o repertório leitor dos estudantes, suas preferências literárias e sua capacidade inicial de identificar elementos espaciais em narrativas. Essa etapa possui caráter formativo e orientador, permitindo ao professor ajustar o nível de mediação necessário ao longo do processo. Em cada bimestre, desenvolvem-se as seguintes etapas estruturantes:

- I. Leitura orientada do conto selecionado**, realizada de forma coletiva e/ou individual, com mediação docente voltada à identificação de elementos espaciais, sociais, culturais e econômicos presentes na narrativa.
- II. Preenchimento de ficha de leitura geográfica**, instrumento que orienta o estudante a pesquisar o contexto histórico em que a obra literária foi escrita e a vida do autor; a identificar os elementos fictícios do conto e a confrontá-los com a realidade; a relacionar a representação literária aos conceitos estruturantes da Geografia escolar, tais como paisagem, território, redes, regionalização e relações sociedade–natureza.
- III. Atividade de pesquisa sobre dialetos regionais**, etapa em que os estudantes realizam pesquisa a respeito do significado de palavras e de expressões regionais utilizadas nos contos selecionados. Nessa atividade, os estudantes identificam termos próprios do contexto sociocultural retratado na narrativa — vocábulos ligados ao cotidiano, à paisagem, às práticas produtivas, às relações sociais e às crenças locais — pesquisando seus significados, origens e permanências no uso contemporâneo. A proposta visa ampliar a compreensão do espaço como construção cultural e linguística, evidenciando que a linguagem também é manifestação territorial e elemento constitutivo da

identidade regional.

- IV. **Atividade comparativa entre passado e presente**, promovendo a análise das transformações espaciais, das permanências culturais e das mudanças socioeconômicas da região trabalhada.
- V. **Atividade criativa de síntese**, desenvolvida preferencialmente em grupo, integrando os conhecimentos construídos ao longo do bimestre. Entre essas propostas inclui-se uma atividade mediada por Inteligência Artificial, na qual os estudantes podem utilizar ferramentas digitais para produzir representações visuais, mapas interpretativos ou pequenos textos narrativos complementares. O uso da IA é orientado por roteiro previamente definido e exige registro reflexivo sobre as escolhas realizadas, garantindo que a tecnologia atue como instrumento de apoio e não como substituta do pensamento crítico.

Ao final de cada bimestre, os registros produzidos compõem o Portfólio Geoliterário, instrumento individual de acompanhamento da aprendizagem, no qual se observa a progressão conceitual do estudante e sua capacidade de articulação entre literatura e análise espacial.

O Portfólio Geoliterário será composto por pasta catálogo individual, que deverá ser adquirida no início do ano letivo, devidamente identificada e onde deverão ser armazenadas as atividades avaliativas previstas nesta sequência didática. Ao final do ano letivo, para fins avaliativos, será considerada a organização desse instrumento, bem como a sua completude no que se refere às atividades confeccionadas durante os quatro bimestres.

Ao término do ano letivo, será realizada avaliação final, a qual consistirá em verificar a ampliação conceitual do estudante durante a realização do projeto, bem como a evolução de sua capacidade de leitura, escrita e interpretação.

Cabe destacar que os modelos completos de cada atividade descrita nesta seção — incluindo atividade diagnóstica, fichas de leitura, pesquisa sobre dialetos regionais, atividade comparativa entre passado e presente, propostas criativas de síntese e avaliação final — encontram-se disponibilizados no Apêndices A, B, C, D, E e F deste documento. Esses modelos foram elaborados com detalhamento metodológico suficiente para possibilitar sua aplicação direta em contexto escolar, bem como para orientar a organização do Portfólio Geoliterário individual. Tal organização visa garantir a replicabilidade da proposta didática e assegurar clareza

quanto aos procedimentos, objetivos e critérios avaliativos envolvidos em cada etapa do percurso formativo.

A seguir, um quadro síntese de temas geográficos e dos produtos a serem desenvolvidos em cada bimestre, a partir do conto correspondente de cada região.

Quadro 2 – síntese de contos, temas geográficos e produtos finais.

Bimestre	Região	Conto(s)	Foco Geográfico	Produtos Finais
1º	Norte	O Boto (José Veríssimo)	Dinâmicas socioambientais amazônicas; rios, igarapés, pesca, cultura ribeirinha	Atividade diagnóstica; ficha de leitura; atividade de pesquisa sobre dialetos; atividade comparativa entre passado e presente; atividade criativa de síntese em grupo.
2º	Nordeste + Centro-Oeste	Um cinturão (Graciliano Ramos) + Mágoa de Vaqueiro (Hugo de Carvalho Ramos)	Sertão, relações sociais, territorialidade, fronteiras internas, cultura sertaneja e dinâmicas do interior brasileiro	Ficha de leitura; atividade de pesquisa sobre dialetos; atividade comparativa entre passado e presente; atividade criativa de síntese em grupo.
3º	Sudeste	O sítio de dona Benta (Monteiro Lobato) + A peste (João do Rio)	Transformações espaciais, urbanização, ruralidade, organização socioeconômica regional	Ficha de leitura; atividade de pesquisa sobre dialetos; atividade comparativa entre passado e presente;

				atividade criativa de síntese em grupo.
4º	Sul	Trezentas onças (João Simões Lopes Neto)	Campos sulinos, tropeirismo, circulação econômica, identidade regional	Ficha de leitura; atividade de pesquisa sobre dialetos; atividade comparativa entre passado e presente; atividade criativa de síntese em grupo; avaliação final.

Fonte: elaborado pela autora (2026).

4.2.3. Avaliação das atividades propostas

Conforme o Guia de Avaliação e Mediações Pedagógicas para Recomposição das Aprendizagens, do Ministério da Educação, a avaliação deve ser compreendida como um instrumento estratégico do processo educacional, pois “transcende a mera atribuição de notas” e atua como mecanismo de diagnóstico, regulação e validação das aprendizagens e das práticas pedagógicas. Nesse sentido, o documento enfatiza o uso pedagógico das avaliações — especialmente a diagnóstica — para articular diagnóstico, planejamento pedagógico e estratégias de intervenção, favorecendo intervenções mais adequadas às necessidades reais dos estudantes (BRASIL, 2025, p. 4-6).

Nessa perspectiva, com exceção da atividade diagnóstica a ser realizada no início do ano letivo, a avaliação da produção individual e coletiva das demais atividades dessa sequência didática assume caráter predominantemente conceitual e formativo, orientando-se pela verificação da apropriação, compreensão e mobilização de conceitos geográficos estruturantes ao longo do processo de leitura e análise literária. Não se trata apenas de aferir a memorização de conteúdos, mas de observar a capacidade do estudante de relacionar categorias como espaço geográfico, território, paisagem, lugar, região e natureza às situações narradas nos contos, articulando-as com a realidade contemporânea. Nesse sentido, a avaliação privilegia a construção progressiva de significados, a ampliação do repertório conceitual e a

aplicação desses conceitos em diferentes contextos (interpretação textual, comparação temporal, análise regional e produção criativa). O acompanhamento ocorre de forma contínua, por meio de instrumentos com rubricas que evidenciam níveis de domínio conceitual, garantindo coerência entre objetivos, habilidades e competências da BNCC e práticas pedagógicas desenvolvidas.

Os quadros a seguir demonstram a relação da proposta em questão com as habilidades da BNCC previstas para serem alcançadas no 7º ano do Ensino Fundamental dentro da abordagem dos conteúdos da Geografia, bem como as competências trazidas pelo mesmo documento.

Quadro 3 – Relação das habilidades da BNCC com os contos selecionados.

Código	Descrição da Habilidade	Relação com os contos selecionados
EF07GE01	Analisar a organização do território brasileiro, considerando as relações entre sociedade e natureza e os processos históricos de sua formação.	Mobilizada em todos os contos ao discutir territorialidade ribeirinha (Norte), organização rural patriarcal (Nordeste), contrastes urbano-rurais (Sudeste), mobilidade sertaneja (Centro-Oeste) e identidade pampiana (Sul).
EF07GE02	Identificar e analisar formas de uso e ocupação do território brasileiro, reconhecendo atividades econômicas e modos de vida regionais.	Evidente na economia pesqueira amazônica, pecuária extensiva do Centro-Oeste e Sul, organização produtiva do sítio e estrutura agrária nordestina.
EF07GE03	Analisar dinâmicas ambientais e climáticas nas diferentes regiões do Brasil, relacionando-as às atividades humanas.	Trabalhada especialmente nas discussões sobre cheia e vazante amazônica, seca nordestina e relação campo–natureza no Sudeste rural.
EF07GE04	Analisar redes, fluxos e formas de circulação no território brasileiro.	Presente na mobilidade sertaneja, circulação fluvial amazônica e processos de modernização urbana no Sudeste.
EF07GE05	Analisar paisagens culturais brasileiras, reconhecendo identidades regionais e marcas históricas.	Evidente na identidade ribeirinha, sertaneja, caipira e pampiana descritas nos contos.
EF07GE06	Comparar transformações e permanências no espaço geográfico ao longo do tempo.	Trabalhada nas atividades de comparação passado × presente em todas as regiões.
EF07GE07	Analisar problemas socioespaciais brasileiros, especialmente os urbanos.	Mobilizada principalmente em <i>A Peste</i> (saúde pública e urbanização) e nas discussões

	sobre desigualdade no Nordeste.
--	---------------------------------

Fonte: elaborado pela autora (2026).

Quadro 4 – Relação das competências da BNCC com a proposta geoliterária.

Competência	Descrição	Relação com a proposta geoliterária
1 – Conhecimento	Valorizar e utilizar conhecimentos historicamente construídos para compreender e explicar a realidade.	Integra literatura e Geografia para compreender o território brasileiro.
2 – Pensamento científico, crítico e criativo	Exercitar a curiosidade intelectual, formular hipóteses e argumentar com base em dados.	Análise comparativa passado × presente e interpretação crítica das narrativas.
3 – Repertório cultural	Valorizar manifestações culturais e artísticas.	Leitura de contos regionais e análise de músicas típicas.
4 – Comunicação	Utilizar diferentes linguagens para expressar ideias e informações.	Produções escritas, mapas narrativos, dramatizações e portfólio.
5 – Cultura digital	Utilizar tecnologias digitais de forma crítica e significativa.	Pesquisas comparativas e possíveis produções multimodais no portfólio.
6 – Trabalho e projeto de vida	Valorizar saberes e experiências relacionados ao mundo do trabalho.	Discussões sobre organização produtiva rural, urbana e regional.
7 – Argumentação	Argumentar com base em fatos e dados confiáveis.	Debates sobre desigualdade, modernização e uso do território.
8 – Autoconhecimento e autocuidado	Conhecer-se e cuidar da própria saúde física e emocional.	Reflexões sobre saúde pública em A Peste e relações comunitárias.
9 – Empatia e cooperação	Exercitar empatia, diálogo e respeito à diversidade.	Compreensão das diferentes identidades regionais brasileiras.
10 – Responsabilidade e cidadania	Agir com responsabilidade socioambiental e ética.	Discussões sobre preservação ambiental, uso do

		solo e desigualdade socioespacial.
--	--	------------------------------------

Fonte: elaborado pela autora (2026).

No que se refere ao uso de ferramentas de Inteligência Artificial nas atividades criativas de síntese, destaca-se que sua utilização está condicionada a princípios de ética, autoria e criticidade. Os estudantes são orientados a registrar os comandos (prompts) utilizados, a identificar eventuais limites e vieses das respostas geradas e a validar informações com fontes confiáveis. A tecnologia é compreendida como instrumento de apoio ao pensamento geográfico, e não como substituta da reflexão analítica.

Acerca da composição de notas aplicada à realidade da rede pública de ensino do Distrito Federal, sugere-se que as atividades da sequência didática correspondam a 50% da nota bimestral, distribuídas da seguinte forma: 5% destinados à atividade diagnóstica (caráter formativo), 15% às fichas de leitura, 10% às pesquisas sobre manifestações culturais regionais, 10% à atividade criativa com uso crítico de IA e 10% à organização e qualidade do portfólio. Os 50% restantes da nota bimestral são atribuídos a outros instrumentos avaliativos da disciplina e da Unidade Escolar, tais como provas escritas, multidisciplinares, entre outros.

Os instrumentos avaliativos com rubricas de cada atividade podem ser acessados no Apêndice G deste documento.

5. RESULTADOS

O objetivo geral deste trabalho de mestrado profissional consistiu em apresentar uma sequência didática capaz de articular a literatura nacional ao ensino de Geografia no 7º ano do Ensino Fundamental. Considera-se, portanto, que tal resultado foi atingido no decorrer da pesquisa e da elaboração desta dissertação, vide o seu caráter de pesquisa qualitativa, aplicada e propositiva.

No que se refere ao cumprimento dos objetivos específicos, o alcance desses pode ser verificado em ocasião da aplicação da sequência didática aqui proposta, o que se recomenda aos docentes do 7º ano do Ensino Fundamental interessados no escopo da temática aqui trabalhada.

Nessa perspectiva, a seguir são apresentados os resultados esperados.

5.1. Resultados esperados em ocasião da aplicação da sequência didática

Considerando a natureza qualitativa e aplicada desta pesquisa, os resultados aqui apresentados têm caráter prospectivo e fundamentam-se na coerência entre objetivos, referencial teórico e estrutura metodológica da sequência didática proposta. Não se trata, portanto, da apresentação de dados empíricos consolidados, mas da explicitação dos impactos formativos e pedagógicos que se espera alcançar com a implementação da proposta.

Em primeiro lugar, espera-se que a articulação entre contos da literatura brasileira e conteúdos da Geografia do Brasil contribua para o **desenvolvimento do pensamento geográfico** dos estudantes do 7º ano do Ensino Fundamental. Ao mobilizar conceitos como território, paisagem, regionalização, redes, escalas e relações sociedade–natureza a partir de narrativas literárias, a proposta busca favorecer uma compreensão mais relacional e processual do espaço geográfico, em consonância com as orientações da Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018), que enfatiza a formação de sujeitos capazes de analisar criticamente o território nacional e suas dinâmicas socioespaciais.

Espera-se, ainda, que o trabalho com textos literários favoreça o fortalecimento das competências de leitura e interpretação, contribuindo para a ampliação do letramento crítico dos estudantes. Ao realizar leituras mediadas, identificar elementos espaciais na narrativa, comparar ficção e realidade e sistematizar análises no Portfólio

Geoliterário, o aluno é levado a desenvolver habilidades de compreensão textual, inferência, análise e síntese — competências fundamentais tanto para a Geografia quanto para as demais áreas do conhecimento. Tal perspectiva dialoga com a própria concepção de educação integral presente na BNCC, que prevê o desenvolvimento de competências cognitivas, socioemocionais e culturais de forma articulada.

Outro resultado esperado refere-se ao aumento do engajamento dos estudantes com a leitura literária, especialmente em um contexto marcado pela retração dos índices de leitura no país. A escolha do gênero conto, por sua brevidade e concentração temática, tende a facilitar a leitura integral das obras no tempo escolar, reduzindo a fragmentação e possibilitando experiências completas de leitura e análise textual. Ao reconhecer o espaço narrado como expressão de realidades regionais brasileiras, o estudante pode também desenvolver maior sentimento de pertencimento e identificação com o território nacional, ampliando sua percepção sobre a diversidade cultural e espacial do Brasil.

No plano metodológico, espera-se que a proposta contribua para a qualificação da prática docente em Geografia, ao oferecer um modelo estruturado de sequência didática que integra literatura e análise espacial sem reduzir o texto literário a mera ilustração do conteúdo. A sistematização das etapas — contextualização da obra, análise geográfica orientada e produção reflexiva — pode servir como referência para outros professores que desejem incorporar linguagens culturais ao ensino da disciplina, fortalecendo abordagens interdisciplinares e culturalmente sensíveis.

Espera-se, também, que o **Portfólio Geoliterário** funcione como instrumento formativo e avaliativo, permitindo acompanhar o desenvolvimento progressivo dos estudantes ao longo do ano letivo. Ao reunir fichas de leitura, comparações entre passado e presente, análises conceituais e produções criativas, o portfólio pode evidenciar avanços na capacidade de leitura, na apropriação de conceitos geográficos e na construção de argumentação fundamentada.

Por fim, no âmbito acadêmico, espera-se que esta dissertação contribua para o debate sobre as interfaces entre Geografia e literatura no contexto da Educação Básica, reforçando a pertinência de abordagens que integrem linguagem, cultura e espaço na formação do pensamento geográfico. Ao propor uma metodologia inspirada no *Atlas das Representações Literárias de Regiões Brasileiras* e adaptada à regionalização oficial (Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul), o estudo

pretende oferecer uma contribuição teórico-metodológica que possa ser replicada, adaptada e aprimorada em diferentes contextos escolares.

Em síntese, os resultados esperados concentram-se em três dimensões articuladas: (1) formativa, ao promover o desenvolvimento do pensamento geográfico e do letramento crítico; (2) pedagógica, ao qualificar práticas docentes por meio de uma proposta metodologicamente estruturada; e (3) acadêmica, ao ampliar o campo de diálogo entre ensino de Geografia e literatura brasileira.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Porque se chamavam homens
Também se chamavam sonhos
E sonhos não envelhecem.”
(Milton Nascimento, Márcio Borges, Lô Borges)*

Se esta pesquisa nasceu de uma inquietação, ela termina como uma travessia. Travessia entre universidade e escola, entre teoria e prática, entre o texto acadêmico e o chão da sala de aula. Travessia também pessoal: de professora que ensina para professora que se interroga; de pesquisadora que observa para pesquisadora que se reconhece implicada.

Ao longo deste mestrado profissional, tornou-se impossível ignorar um dado recorrente: há ainda um distanciamento sensível entre a Geografia produzida na universidade e a Geografia ensinada na Educação Básica. A academia formula conceitos, teoriza o espaço, debate categorias; a escola enfrenta o tempo exíguo, a heterogeneidade das turmas, a precarização das condições de trabalho, a urgência do cotidiano. Entre esses dois mundos, o diálogo nem sempre se estabelece de forma orgânica e horizontal. Muitas vezes, a universidade fala *sobre* a escola, mas fala pouco *com* a escola.

Essa constatação ecoa reflexões presentes na tese de doutorado de Nestor André Kaercher (2004), que identifica obstáculos epistemológicos e políticos na prática docente e evidencia as dificuldades de renovação efetiva do ensino de Geografia.

Tal como apontado por Kaercher, não se trata de ausência de boas intenções, mas de entraves estruturais, conceituais e formativos que tornam a mudança mais complexa do que os discursos sugerem. Entre a utopia de uma Geografia crítica e emancipatória e a realidade concreta da sala de aula, há tensões que não se resolvem por decreto teórico.

Esta dissertação não pretendeu prescrever um modelo ideal de docência nem oferecer fórmulas redentoras. Ao contrário, buscou reconhecer que a sala de aula é um espaço de construção permanente — um território vivo, marcado por conflitos, negociações, afetos e incertezas. É ali que a Geografia deixa de ser apenas categoria analítica e se transforma em experiência vivida. É ali que o conceito de território encontra corpos, histórias, vozes e silêncios.

A escolha de articular literatura brasileira e ensino de Geografia foi, antes de

tudo, um gesto de aproximação: aproximar linguagem e espaço, ficção e realidade, sensibilidade e análise. Se o espaço é construção histórica, também é construção simbólica. A literatura revela paisagens, territórios e identidades que não cabem apenas na cartografia técnica; ela permite que o estudante reconheça o Brasil não apenas como dado estatístico, mas como experiência narrada.

Ao propor uma sequência didática ancorada em contos e inspirada metodologicamente no diálogo entre representações literárias e análise geográfica, buscou-se diminuir a distância entre o saber acadêmico e o saber escolar. Não se trata de simplificar a teoria, mas de torná-la respirável; não se trata de abandonar o rigor, mas de permitir que ele dialogue com a realidade concreta da escola pública.

Se, ao longo do percurso, ficou evidente a limitação do diálogo entre universidade e Educação Básica, também se reafirmou a potência desse encontro quando ele acontece. O mestrado profissional mostrou-se, nesse sentido, um espaço privilegiado de mediação: não apenas formação acadêmica, mas formação em serviço; não apenas produção de conhecimento, mas de trocas de experiência riquíssimas.

A sala de aula, tantas vezes descrita em diagnósticos sombrios, é também lugar de possibilidade. Ela é espaço onde sonhos — ainda que frágeis — resistem. Como na epígrafe que acompanha essa sessão, os sonhos não envelhecem porque se renovam nos sujeitos que aprendem e também nos que ensinam. Cada estudante que lê uma narrativa e descobre nela um território; cada professor que revisita sua prática e decide transformá-la — ainda que minimamente — confirma que a educação é sempre aposta.

A Geografia ensinada na Educação Básica não pode ser mera reprodução empobrecida da Geografia acadêmica, nem pode ser reduzida a listagens conteudistas desarticuladas da vida. Ela precisa assumir-se como campo formativo que ajuda o estudante a compreender sua inserção no mundo, a reconhecer as desigualdades espaciais e a imaginar outras possibilidades de organização social.

Se esta pesquisa contribui em algo, que seja na direção de fortalecer essa ponte ainda frágil entre escola e universidade. Que o diálogo seja colaborativo; que o conhecimento circule em mão dupla; que a prática docente seja **reconhecida como produtora legítima de saber**.

Ao final, permanece a consciência de que nenhuma dissertação encerra o

debate. Ao contrário, inaugura novas perguntas. Se a única conclusão possível é continuar buscando, que essa busca seja coletiva. Que a Geografia, pensada a partir do espaço vivido, ajude a formar sujeitos capazes de ler o mundo e, sobretudo, de transformá-lo.

Porque, se se chamam homens, também se chamam sonhos — e a sala de aula é, ainda, um dos lugares onde esses sonhos insistem em nascer.

REFERÊNCIAS

AB'SABER, Aziz Nacib. *O que é ser geógrafo: memórias profissionais de Aziz Ab'Saber em depoimento a Cynara Menezes*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

AÇÃO EDUCATIVA; CONHECIMENTO SOCIAL. *Inaf 2024: legado e futuro do alfabetismo funcional*. São Paulo: Ação Educativa; Conhecimento Social, 2024. Disponível em: <https://www.alfabetismofuncional.org.br>. Acesso em: 25 jun. 2025.

BOSI, Alfredo. *O conto brasileiro contemporâneo*. São Paulo: Cultrix, 1977.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 2 jun. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). *Guia de Avaliação e Mediações Pedagógicas para Recomposição das Aprendizagens*. Brasília, DF: MEC, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/recomposicao-aprendizagens/GuiadeAvaliaoMediaesPedaggicaspar.pdf>. Acesso em: 5 mar. 2026.

CALLAI, Helena Copetti. *O ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano*. Porto Alegre: Mediação, 2005.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 12. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CAVALCANTI, Lana de Souza. *Geografia, escola e construção de conhecimentos*. Campinas: Papirus, 2013.

CAVALCANTI, Lana de Souza. *Pensar pela Geografia: ensino e relevância social*. Goiânia: Alfa Comunicação, 2019.

DESMURGET, Michel. *A fábrica de cretinos digitais: os perigos das telas para nossas crianças*. São Paulo: Vestígio, 2023.

FRÉMONT, Armand. *A região, espaço vivido*. Coimbra: Almedina, 1980.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

IBGE. *Atlas das representações literárias de regiões brasileiras: Brasil Meridional*. Rio de Janeiro: IBGE, 2006. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=280931>. Acesso em: 10 jan.2026.

IBGE. *Atlas das representações literárias de regiões brasileiras: Sertões brasileiros I*. Rio de Janeiro: IBGE, 2009. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=280931>. Acesso em: 10 jan.2026.

IBGE. *Atlas das representações literárias de regiões brasileiras: Sertões brasileiros II*. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=280931>. Acesso em: 10 jan.2026.

IBGE. *Atlas das representações literárias de regiões brasileiras: Costa brasileira*. Rio de Janeiro: IBGE, 2021. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=280931>. Acesso em: 10 jan.2026.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO; IPEC. *Retratos da leitura no Brasil: 6ª edição*. São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2024. Disponível em: <https://www.prolivro.org.br/retratos-da-leitura>. Acesso em: 30 jun. 2025.

KAERCHER, Nestor André. *A Geografia escolar na prática docente: a utopia e os obstáculos epistemológicos da Geografia Crítica*. 2004. 363 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 2002.

LOBATO, Monteiro. O sítio da Dona Benta. In: LOBATO, Monteiro. *O Saci*. São Paulo: [s.n.], 2019. Livro digital. Disponível em: <https://www.baixelivros.com.br/downloadgratuito?saci.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2026.

MACÊDO, Helenize Carlos de. (2016). REFLETINDO SOBRE O ESPAÇO VIVIDO: o lugar na construção dos conhecimentos geográficos. *Revista Brasileira De Educação Em Geografia*, 5(10), 152–165. Recuperado de <https://www.revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/256>. Acesso em: 5 fev. 2026.

MORAES, Antonio Carlos Robert. *Geografia: pequena história crítica*. 21. ed. São Paulo: Annablume, 2005.

MOREIRA, Ruy. *Pensar e ser em Geografia*. São Paulo: Contexto, 2008.

MOTA, Mauro. *Geografia literária*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura; Instituto Nacional do Livro, 1961.

NETO, João Simões Lopes. *Contos gauchescos*. 9. ed. Porto Alegre: Globo, 1976.

Disponível em:

<https://literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=117679>. Acesso em: 13 fev. 2026.

RAMOS, Graciliano. Um cinturão. *Conto Brasileiro.com.br*, [s.l.], [s.d.]. Disponível em: <https://contobrasileiro.com.br/um-cinturao-conto-de-graciliano-ramos>. Acesso em: 13 fev. 2026.

RAMOS, Hugo de Carvalho. *Tropas e boiadas*. Biblioteca Digital de Literatura de Países Lusófonos, Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em:

<https://literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=89735>. Acesso em: 13 fev. 2026.

RIO, João do. A peste. Disponível em:

<https://www.epedagogia.com.br/materialbibliotecaonline/358A-pestes.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2026.

SANTOS RODRIGUES, C.; COSTA JUNIOR, R. O Lugar como mediação na abordagem de conceitos e temas da Geografia Escolar. **Geografia Grapiúna**, v. 3, n. 3, p. 130-147, 23 ago. 2023. Disponível em:

<https://periodicos.uesc.br/index.php/rlahige/article/view/3743>. Acesso em: 5 fev. 2026.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2012.

SILVA, I. A.; BARBOSA, T. O ensino de Geografia e a literatura: uma contribuição estética. *Caminhos de Geografia*, 2014. Disponível em:

<https://seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/23358>. Acesso em: 5 fev. 2026.

STEINKE, Valdir Adilson. *Sonetos de Geografia*. Brasília: Edição Lagim, 2025.

SOUZA, Marcelo Lopes de. *Os conceitos fundamentais da pesquisa socioespacial*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

VERÍSSIMO, José. *Cenas da vida amazônica*. Brasília, DF: Projeto E-livros, 2022. E-book (Kindle).

VESENTINI, José William. *Para uma Geografia crítica na escola*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2008.

APÊNDICE

APÊNDICE A – ATIVIDADE DIAGNÓSTICA

Título: Literatura e Espaço: O que eu sei sobre o Brasil?

I. Objetivos:

- Identificar o nível de leitura e interpretação textual dos estudantes.
- Mapear concepções prévias sobre regiões brasileiras.
- Verificar capacidade inicial de identificação de elementos espaciais.

II. Duração: 2 aulas (50 minutos cada)

III. Materiais

- Trecho narrativo curto impresso (não pertencente aos contos trabalhados)
- Folha de resposta

IV. Desenvolvimento

Etapa 1 – Leitura silenciosa: O professor distribui o texto e orienta leitura individual.

Etapa 2 – Questões Escritas

Responda:

- a) Que elementos do espaço aparecem no texto?
- b) Você consegue identificar uma região do Brasil? Justifique.
- c) O espaço representado é urbano ou rural? Explique.
- d) O que no texto ajuda você a imaginar esse lugar?

Etapa 3 – Produção Escrita - Produza um texto (15–20 linhas): “O que eu sei sobre as regiões do Brasil e como imagino cada uma delas.”

V. Produto para portfólio

- Texto diagnóstico completo.
- Registro das respostas iniciais.

APÊNDICE B – FICHA GEOLITERÁRIA (adaptável a todos os contos)

1. Identificação da obra

- Autor: _____
- Título do conto: _____
- Ano de publicação: _____
- Região do Brasil onde a história se passa: _____

2. Conhecendo o autor

- a) Onde o autor nasceu?
- b) Em que época ele viveu?
- c) Sobre quais temas ele costuma escrever?
- d) A região onde ele nasceu ou viveu aparece em suas histórias? Como?

3. O tempo e o contexto da história

- a) Em que período histórico o conto foi escrito?
- b) O que estava acontecendo no Brasil nessa época?
- c) A história mostra alguma situação econômica, social ou cultural importante daquele tempo?

4. Observando o espaço geográfico na história

A) Elementos visíveis no texto

- 1. Onde a história acontece?
- 2. Como é a paisagem (vegetação, clima, relevo, rios, cidades)?
- 3. Que tipo de trabalho ou atividade econômica aparece?
- 4. Como as pessoas vivem nesse lugar?

B) Elementos que precisamos interpretar

- 1. Existe desigualdade social na história?
- 2. Há conflitos (por terra, trabalho, recursos naturais)?
- 3. O ambiente natural influencia a vida das pessoas?
- 4. O conto mostra alguma característica cultural da região?

5. O espaço é importante na história?

- a) O lugar onde a história acontece influencia as decisões dos personagens?
- b) Se a história acontecesse em outra região do Brasil, ela seria diferente? Por quê?
- c) O espaço aparece apenas como cenário ou faz parte do problema da narrativa?

6. Ficção ou realidade?

- a) O que no conto parece retratar a realidade da região?
- b) O que pode ser exagero ou invenção do autor?
- c) Como podemos conferir se as informações sobre o lugar são verdadeiras?

7. Produto para o portfólio: ficha respondida; ilustração livre.

APÊNDICE C – ATIVIDADE DE PESQUISA SOBRE DIALETOS REGIONAIS (adaptável a todos os contos e regiões)

Título: Glossário Geográfico Regional

I. Objetivos:

- Compreender a linguagem como expressão territorial.
- Identificar regionalismos presentes no conto.
- Relacionar vocabulário à identidade cultural.

II. Duração: 2 aulas (50 minutos cada) + pesquisa domiciliar

III. Desenvolvimento

Etapa 1 – Identificação (Sala)

O professor solicita que os estudantes:

- Releiam o conto.
- Destaquem 8 a 12 palavras ou expressões regionais.
- Justifiquem por que acreditam que sejam regionalismos.

Etapa 2 – Pesquisa (Casa)

- Para cada termo: Definir significado; identificar origem (indígena, africana, europeia); indicar se é usada atualmente; explicar relação com o espaço.

Etapa 3 – Produção do Glossário

- Formato exigido:

Palavra	Significado	Origem	Relação com o espaço

IV. Produto para portfólio

- Página organizada com glossário ilustrado
- Pequeno parágrafo reflexivo: “Como a linguagem revela características do espaço geográfico?”

APÊNDICE D – ATIVIDADE DE COMPARAÇÃO PASSADO X PRESENTE (adaptável a todos os contos e regiões)

Título: Transformações e permanências no espaço regional

I. Objetivos

- Desenvolver raciocínio geográfico;
- Compreender processos históricos de transformação territorial.

II. Desenvolvimento

Etapa 1 – Análise do Conto (casa)

Identificar:

- Forma de trabalho
- Relações sociais
- Meio de transporte
- Organização familiar
- Uso da natureza

Etapa 2 – Pesquisa atual (casa)

Investigar:

- Como é essa região hoje?
- Quais atividades econômicas predominam?
- O que mudou?
- O que permanece?

Etapa 3 – Produção comparativa

Modelo obrigatório:

Aspecto	No conto	Hoje	Mudança ou permanência?

III. Produto para portfolio:

- Quadro comparativo
- Texto conclusivo (10 linhas): “A principal transformação observada foi...”

APÊNDICE E – ATIVIDADE CRIATIVA DE SÍNTESE (adaptável a todos os contos e regiões)

Título: Representando o Espaço Literário

I. Objetivos:

- Integrar leitura e análise geográfica.
- Desenvolver criatividade com fundamentação teórica.
- Utilizar IA de forma crítica e mediada.

II. Desenvolvimento

Parte 1 – Planejamento (Sala)

Grupo responde:

- Que elementos espaciais são centrais no conto?
- Como representá-los visualmente ou narrativamente?

Parte 2 – Uso Orientado de IA

A IA pode ser usada para:

- Gerar imagem-base da paisagem.
- Produzir mapa ilustrativo.
- Criar cenário comparativo.

Obrigatório:

- Registrar prompt utilizado.
- Explicar por que ele foi escolhido.
- Analisar criticamente o resultado.

Parte 3 – Análise Escrita

Texto obrigatório:

“A representação criada corresponde fielmente ao espaço descrito no conto? Justifique.”

III. Produto para portfólio

- Produção visual.
- Registro do processo.
- Análise crítica.

APÊNDICE F – ATIVIDADE DE AVALIAÇÃO FINAL

Título: Brasil Geoliterário - síntese

I. Objetivos

- Avaliar a evolução da capacidade de escrita e de interpretação.
- Verificar ampliação conceitual ao longo do ano

II. Duração: 2 aulas

Parte 1 – Produção Escrita

Redação (20–25 linhas): “Como a literatura contribuiu para compreender as diferentes regiões do Brasil?”

Parte 2 – Autoavaliação

- O que aprendi?
- Em que evolui como leitor?
- Em que evolui como estudante de Geografia?

III. Produto Final para Portfólio

✓ Redação

✓ Autoavaliação

✓ Organização completa do portfólio anual

APÊNDICE G – INSTRUMENTOS AVALIATIVOS E RUBRICAS

Instrumento 1 – Avaliação Diagnóstica

Objetivo: Identificar o nível inicial de leitura, interpretação textual e compreensão de elementos espaciais e regionais no contexto brasileiro.

Critério	Nível Avançado	Nível Adequado	Nível Inicial	Nível Insuficiente
Identificação de elementos espaciais	Reconhece diversos elementos espaciais com precisão.	Identifica os principais elementos espaciais.	Identifica poucos elementos ou de forma genérica.	Não identifica elementos espaciais relevantes.
Capacidade de inferência regional	Justifica claramente a possível região com base no texto.	Sugere região com justificativa parcial.	Sugere região sem justificativa consistente.	Não consegue inferir ou justificar.
Compreensão da organização espacial	Analisa com clareza as características do espaço.	Identifica corretamente com explicação simples.	Identifica sem explicação consistente.	Não identifica corretamente.
Produção textual diagnóstica	Texto coerente e articulado com repertório regional.	Texto organizado com ideias básicas adequadas.	Texto simples e pouco articulado.	Texto superficial ou fragmentado.
Clareza na argumentação	Argumenta com base em elementos do texto.	Argumenta parcialmente com base textual.	Argumentação frágil.	Não apresenta argumentação.

Fonte: elaborado pela autora (2026).

Instrumento 2 – Fichas de Leitura

Objetivo: Avaliar leitura interpretativa, capacidade de pesquisa e análise geográfica

Critério	Excelente	Bom	Satisfatório	Insuficiente
Contextualização histórica	Identifica autor, período e contexto com relação clara ao Brasil da época.	Identifica dados principais com relação geral ao contexto.	Apresenta informações básicas com pouca relação histórica.	Informações incompletas ou incorretas.
Análise do espaço geográfico	Identifica paisagem, economia e mobiliza conceitos geográficos com clareza.	Identifica elementos espaciais com relação adequada.	Reconhece elementos do espaço sem aprofundamento.	Não identifica adequadamente o espaço.
Interpretação crítica	Analisa conflitos, desigualdades e diferencia ficção/realidade com argumentação.	Reconhece conflitos ou desigualdades com análise parcial.	Identifica aspectos sociais sem análise crítica.	Não demonstra compreensão crítica.
Comparação espacial	Explica como o espaço	Reconhece importância do	Resposta breve ou genérica.	Não estabelece relação entre

	influencia a narrativa e compara com outra realidade.	espaço com justificativa simples.		espaço narrativa.
Organização e ilustração	Texto organizado; ilustração representa elementos geográficos relevantes.	Texto claro; ilustração relacionada ao conto.	Organização simples; ilustração pouco relacionada.	Texto desorganizado ou sem ilustração.

Fonte: elaborado pela autora (2026)

Instrumento 3 – Glossário Geográfico Regional

Objetivo: Avaliar a capacidade do estudante de identificar e analisar regionalismos, relacionando a linguagem às características culturais e geográficas das regiões brasileiras.

Critério	Excelente	Bom	Satisfatório	Insuficiente
Identificação dos regionalismos	Seleciona 8–12 termos adequados e coerentes com o conto.	Seleciona termos majoritariamente adequados.	Seleciona poucos termos ou inclui palavras pouco justificáveis.	Não identifica corretamente regionalismos.
Pesquisa e definição dos termos	Definições corretas, origem consistente e uso atual bem explicado.	Definições corretas, com pouca explicação de origem ou uso.	Definições básicas, com lacunas na contextualização.	Informações incorretas ou incompletas.
Relação com o espaço geográfico	Explica claramente como os termos revelam aspectos culturais ou ambientais.	Estabelece relação geral entre linguagem e espaço.	Relação superficial ou genérica.	Não estabelece relação com o espaço.
Organização do glossário	Tabela completa, organizada e clara.	Pequenos problemas de organização.	Organização simples ou incompleta.	Desorganizado ou incompleto.
Reflexão final	Reflexão profunda sobre linguagem e território.	Reflexão adequada, pouco aprofundada.	Reflexão breve ou genérica.	Não apresenta reflexão coerente.

Fonte: elaborado pela autora (2026).

Instrumento 4 – Atividade de comparação passado x presente

Objetivo: Avaliar a capacidade do estudante de comparar representações literárias do passado com a realidade regional atual, identificando transformações e permanências no espaço geográfico.

Critério	Excelente	Bom	Satisfatório	Insuficiente
Identificação dos elementos no conto (2,0)	Identifica corretamente trabalho, relações sociais, transporte, organização familiar e uso da natureza.	Identifica a maioria dos elementos com descrição adequada.	Identifica parcialmente os elementos de forma superficial.	Não identifica corretamente os aspectos solicitados.
Pesquisa sobre a região na atualidade	Pesquisa atual consistente, com dados claros sobre economia e organização do espaço.	Pesquisa adequada com algumas generalizações.	Pesquisa superficial ou pouco detalhada.	Informações incorretas ou ausência de pesquisa.
Análise das transformações e permanências	Compara passado e presente com argumentação consistente e raciocínio geográfico.	Estabelece comparações adequadas com menor aprofundamento.	Comparação simples, pouco analítica.	Não estabelece comparação clara.
Organização do quadro comparativo	Quadro completo, organizado e coerente.	Quadro organizado com pequenas lacunas.	Quadro incompleto ou pouco organizado.	Quadro ausente ou incoerente.
Texto conclusivo	Texto reflexivo claro e fundamentado na análise.	Texto adequado, mas pouco aprofundado.	Texto breve ou genérico.	Texto incoerente ou ausente.

Fonte: elaborado pela autora (2026)

Instrumento 5 – Atividades Criativas

Objetivo: Avaliar compreensão regional e criatividade fundamentada.

Critério	Excelente	Bom	Satisfatório	Insuficiente
Coerência Geográfica	Representação fiel	Pequenas imprecisões	Inconsistência	Equívocos conceituais
Criatividade	Inivadora e fundamentada	Criativa	Pouco criativa	Reprodução mecânica
Trabalho em grupo	Cooperação equilibrada	Participação majoritária	Participação desigual	Desorganização
Uso Crítico da IA	Uso analítico e crítico	Uso mediado	Pouco reflexivo	Dependência excessiva

Fonte: elaborado pela autora (2026)

Instrumento 6 – Atividade de avaliação final

Objetivo: Avaliar a evolução da capacidade de interpretação, escrita e compreensão

dos conceitos geográficos a partir da articulação entre literatura e espaço ao longo do ano letivo.

Critério	Excelente	Bom	Satisfatório	Insuficiente
Compreensão da relação literatura– Geografia	Explica de forma clara e aprofundada a contribuição da literatura para compreender o espaço.	Explica adequadamente com algum aprofundamento.	Explicação simples e pouco desenvolvida.	Não estabelece relação consistente.
Uso de conceitos geográficos	Utiliza corretamente conceitos como espaço, região, território e transformação.	Utiliza alguns conceitos adequadamente.	Utiliza conceitos de forma superficial.	Não utiliza conceitos geográficos.
Capacidade comparativa e síntese	Articula diferentes regiões e demonstra evolução conceitual.	Demonstra compreensão geral do percurso.	Apresenta síntese limitada.	Não demonstra compreensão do percurso.
Coerência e organização textual	Texto coeso, organizado e argumentativo.	Texto organizado com pequenas falhas.	Texto simples ou pouco articulado.	Texto fragmentado ou incoerente.
Qualidade da autoavaliação	Autoavaliação reflexiva e consistente.	Autoavaliação adequada, porém, pouco aprofundada.	Autoavaliação breve ou genérica.	Autoavaliação superficial ou ausente.
Organização do portfólio final	Portfólio completo e organizado.	Portfólio quase completo.	Portfólio parcialmente organizado.	Portfólio incompleto ou desorganizado.

Fonte: elaborado pela autora (2026)

ANEXOS

ANEXO I – O BOTO, DE JOSÉ VERÍSSIMO

Naquele dia o Sr. Porfirio Espírito Santo da Silva recolheu-se para jantar mais cedo, de mau humor, a catadura fechada, sem falar a ninguém. Despiu-se às pressas na alcova e, em mangas de camisa — uma camisa de algodãozinho listrado de azul e branco — Em chinelas, sem meias, dirigiu-se para o copiar que servia de sala de jantar, onde uma negrinha magra e feia punha a mesa, a cuja cabeceira ele sentou-se dizendo, com afetação sensível de rispidez:

— A janta.

A negrinha acabou de despejar de uma cuia sobre a grossa toalha branca o último monte de farinha, junto do último talher colocado, e num passo vagaroso foi à cozinha, cerca da casa de jantar, dizer à dona que o “pai-sinhô” já estava à mesa e queria comer. Daí a pouco voltou trazendo um prato de carne cozida e uma tigela de caldo fumegante, que colocou em frente de Porfirio, junto ao qual estava já, sentada num banco de pau de todo o comprimento da mesa, sua filha, uma linda trigueirinha, um pouco pálida, de olhos e cabelos muito negros e lustrosos. Chegou por fim a mulher, D. Feliciano ou, como lhe chamavam as amigas, D. Felica, uma mulher baixa, moreno-esbranquiçada, vestida com saia e paletó de chita escura, desbotada.

Era meio dia; fazia um grande calor e o jantar corria silencioso. O Sr. Porfirio atacou sucessivamente a carne cozida, o tambaqui moqueado e um prato seu predileto, a maniçoba, preparado com mocotós de paca e grelos de mandioca, tudo ajudado de enorme quantidade de farinha, que servindo-se da ponta dos dedos, à guisa de colher, lançava à boca, de longe, com perícia e certeza de indígena, não só adquirida pelo traquejo desde a primeira infância, mas herdada também dos avós. A moça servia-se da colher para atirar a farinha à boca e não o fazia com menos segurança que o pai.

Ao fim do jantar, quando começavam a comer a sobre mesa, umas enormes pacovas amarelas, acompanhadas ainda com muita farinha, Porfirio disse à mulher:

— Apronta as coisas que nós vamos à salga.

Ela, sem outra reflexão, perguntou simplesmente:

— “Adonde”?

— “No Parú. Já mandei dizer ao Antonio, pra trazer a canoa — Ele dizia canúa — E mantimento. Quero seguir o mais breve possível porque peixe é mato este ano, disque”.

— “Quando, então”? tornou a perguntar D. Feliciano.

— “Hoje é quinta... vamos na segunda”. Durante toda esta conversa fria e breve, Rosinha, que assim se chamava a filha do Sr. Porfírio, parecera perturbar-se ligeiramente, e ainda com a boca cheia de banana, os lábios semiabertos salpicados pelo último punhado de farinha, olhava para o pai com um rubor quase imperceptível nas faces.

Ninguém deu por isso e saíram logo da mesa. Rosinha foi para a sala da frente e sentou-se num tupidé, no chão, junto da sua almofada de renda, cujos bilros de caroços de tucumã estalaram-lhe logo entre os dedos finos, enchendo a sala de sons claros, de um estalido metálico. O pai estendeu-se na maqueira pendurada a um dos cantos da varanda, com o comprido cachimbo apertado nos queixos, esperando que a negrinha viesse acendê-lo. Depois de meia dúzia de cachimbadas, pô-lo devagarinho no chão ladrilhado de tijolos vermelhos, quadrados, e entrou a ressonar como um homem de consciência limpa e barriga cheia, no que dentro em pouco foi acompanhado por D. Felicia que o mesmo fazia em uma rede da alcova, situada entre a varanda ou copiar e a sala pomposamente chamada de visitas. Doze cadeiras de solida e deselegante fabrica portuguesa, enfileiradas junto às paredes, dois grandes baús de cedro pintados de verde escuro, com ramagens encarnadas já sumidas nas tampas, colocados nas suas respectivas cambotas; um grande oratório de pau, pintado de azul e listas amarelas com pretensões a fingir ouro, em cima duma mesa nua e chã; dois quadros religiosos na parede — Nossa Senhora Sant’Anna e S. Sebastião — E uma rede a um canto, eram toda a mobília desta sala, ladrilhada, como o resto da casa, de tijolos vermelhos quais camarões cozidos. Aqueles dois sons, um alto e outro baixo, chegaram sem dúvida aos ouvidos de Rosinha. Parou de bater os bilros e pôs-se por um momento à escuta, com a cabeça erguida como a veadinha tímida quando indaga se pode, sem receio de perigo, deixar a capoeira para ir matar a sede no igarapé que murmura ali perto. Certa que seus pais dormiam, ergueu-se, correu à janela e levantando precipitadamente a empanada pôs-se a olhar para um e outro lado, como quem espera alguém.

A longa e estreita rua do Bacuri, na qual eles moravam, em Óbidos, estava deserta. Era a hora sonolenta da sesta. Parecia que tudo — A natureza como os homens — segundo é ali costume depois do jantar, se tinha deitado a dormir. O sol ardente, no céu muito azul sem nuvens, deixava cair seus raios de fogo

perpendicularmente, como a querer abrasar a terra, fazendo no ar cintilações elétricas que obrigavam a fechar os olhos. As duas fileiras de casas, baixas, desiguais, de cores vistosas e variadas, com as janelas e portas cerradas, indicavam que os seus moradores dormiam. Uma aragem morna e fraca bulia levemente as frondes empoeiradas dum mucajazeiro que Rosinha tinha defronte de si no quintal do sobrado, designação que ali dão à casa fronteira, de um andar. Urubus dormitavam com as cabeças sob as azas ou pousadas nos peitos, sentados nas patas, como informes vultos negros, nas cumieiras das casas e na platibanda da Câmara Municipal. Uma galinha rajada de branco e pardo, seguida de uma ninhada de pintinhos novos, procurava com maternal solicitude, varrendo o chão com os pés, alguma coisa comível para os pequenos. E chamava-os com um cacarejar terno e apressado, dando à voz inflexões carinhosas, mostrando-lhes com o bico, com a abnegação de mãe, um grãozinho qualquer, sobre o qual eles se precipitavam, brigando pela posse dele a pequeninas bicoradas raivosas. Um boi vermelho, gordo, pastava pacífica e gravemente o capim que crescia alto junto à cerca do colégio de S. Luiz Gonzaga, quebrando um pouco deste enorme e monótono silêncio com o ruído surdo do seu forte ruminar. Lagartos ligeiros e azulados disputavam-se os pequeninos insetos, gafanhotozinhos, que irrefletidamente saltavam dos tabuleiros de capim que marginam as casas de um e outro lado, para o meio da rua. As mesmas lojas e tabernas tinham as portas meio cerradas e os caixeiros deviam cochilar sobre os balcões, enquanto os patrões dormiam lá dentro. De longe, do fim da rua Nova, de lá das bandas da olaria do Manoel do Cabo, vinha o som agudo do chiar monótono de um carro, retardado certamente na sua volta do lago, carregado de lenha, pondo naquela silenciosa quentura uma vibração estridente e melancólica.

Momentos depois de haver chegado à janela, Rosinha viu descer de cima da rua, saindo da casa do vigário, uma rapariga, uma mulata, de grande gaforina eriçada e densa, que passou por ela com a saia de chita azul ramejada de amarelo, arregaçada e presa na cintura, metida entre o cós e a pele. Tinha caído pelos ombros abaixo o cabeção, espécie de casaco decotado, curto, quase sem mangas, deixando ver, no desalinho inconscientemente impudico que elas usam, os seios e a cintura, nas costas. Ia ao igarapé do fim da rua buscar água; levava na cabeça, deitado horizontalmente sobre a rodilha de pano, o pote vermelho e no canto da boca um cachimbo curto. Ao passar dirigiu à Rosinha um sorriso malicioso, dizendo-lhe:

— “B’as tarde”. E virou-se para traz espreitando, como quem sabia que ela estava ali à janela, àquela hora de calor, esperando alguém.

Com efeito, daí por pouco um homem, um rapaz de vinte e dois anos o muito, aparecendo à esquina do Canto Redondo — fez despontar um sorriso nos lábios de Rosinha que, aproveitando um instante propício, acenou-lhe disfarçadamente com a mão, chamando-o. O moço compreendeu sem dúvida que ela queria falar-lhe. Começou a descer a rua lentamente, com as mãos nas algibeiras das calças de brim pardo, assobiando. Chegando sob a empanada parou e os dois puseram-se a conversar em voz baixa e rápida, ela voltando-se de vez em quando para dentro, ele espreitando a rua por todos os lados, ambos com a inquietação vaga de criminosos.

Rosinha contou-me que o pai resolvera ir à salga; partiam dali a três dias, na segunda; estava muito agoniada por deixá-lo, ao moço, a quem queria tanto, sem ele cumprir a promessa que lhe fizera; e pediu-lhe, pelo amor de Deus e da Virgem Maria, que se lhe tinha amor, casasse com ela, como havia jurado. Ele ouviu tudo calado, olhando para o chão com uma ponta de riso nos lábios amontoados num assobio baixo, fino e irônico. Não podia ainda casar, respondeu. Se o fizesse, seu patrão, — já lh’o tinha dito — punha-o fora. Esperasse que ele se estabelecesse, o que não tardava muito. Tivesse paciência. Ela sabia que a estimava muito. Daí a um mês, o mais tardar, teria loja sua e então casariam. Adeus, era tempo de se ir embora, pois há muito que estavam à janela, podia alguém reparar; muita gente na cidade já começava a falar; ela sabia, as más línguas... Apertou-lhe ternamente as mãos, e deixou-a, no mesmo passo vagaroso em que veio, sempre assobiando por entre um sorriso sarcástico. Rosinha, seguiu-o com um olhar triste e desalentado, e depois, quando ele, sem voltar-se, dobrava o canto, num gesto brusco deixou cair a empanada, que bateu sobre o parapeito da janela com uma pancada forte e seca. Era tempo; a natureza estirçava os braços num bocejo preguiçoso de quem deixa a rede; a hora da sesta se ia passando, algumas portas se abriam e raras pessoas começavam a aparecer na rua.

Até aos doze anos Rosinha vivera fora de Óbidos, no sítio do pai, na Costa, nome genérico, porque é conhecida a margem do rio em frente à cidade. Era uma excelente propriedade de dois mil pés de cacauzeiros e campos de criação nos fundos, que Porfírio herdara do pai, o qual a tinha também herdado do avô, um dos primeiros

colonos que ali se estabeleceram. A casa em nada se distinguia das outras casas de sítio daquelas redondezas. Tinha a mesma frente comprida, em cuja larga parede de barro sem reboco rasgavam-se quatro portas retangulares e desgraciosas. A palha da cobertura, não aparada, dava-lhe o aspecto alvar das crianças que trazem sempre os cabelos caídos na testa. Era dividida em quatro compartimentos iguais, comunicados entre si por aberturas tapadas com japás à guisa de portas. A um lado ficava um rancho apenas coberto de palha também, onde estavam o forno e os apetrechos da fabricação da farinha, os ralos, as gurupemas, os tipitis, as garêras ou cochos, umas como ubás a que houvessem cortado as extremidades, onde ralam a mandioca. De outro lado levantava-se, quase à altura de dois metros, o “tendal” ou girau de secar o cacau, um tendal que a preguiça fizera escasso de modo que no tempo da safra eram obrigados a secar aquele produto no chão, sobre tupés.

Na frente do sítio, num terreiro geralmente varrido, limitado no fundo pela casa e dos lados pelo rancho do forno e pelo tendal, cresciam algumas árvores frutíferas e arbustos floríferos, como laranjeiras, um pé de sapotilheira, um outro de cupuaçuzeiro, jasmineiros brancos e de Cayenna, um coqueiro cujos cocos eram exclusivamente consagrados a Santo Antonio, e uma cuieira copuda, ameaçando com seus enormes frutos esféricos a segurança de uma canoa velha erguida do chão por quatro paus, cheia de terra, onde cresciam, como num canteiro suspenso, melindres, malmequeres, manjeronas, trevos, perpetuas, cravinas e outras flores vulgares, num concerto discordante de perfumes e cores. Pelos lados e por detrás da casa estendia-se o cacauai sombrio, formando uma massa compacta de folhagem que, olhada do rio, destacava-se logo em seguida a uma vegetação rala de embaubeiras e aueranas e aos matupás de canarana encostados à margem, pelo meio dos quais, em frente à casa, as canoas, nas suas idas e vindas, tinham aberto uma passagem. aí um grande madeiro, “pescado” no meio do rio e atirado perpendicularmente à terra, servia de ponte, junto à qual, amarradas nos marás fincados no tijuco a poucos passos da margem, flutuavam duas ou três canoas. Este sítio, como é de regra no Amazonas, tinha um nome de santo, o que, diga-se de caminho, está longe de indicar um profundo sentimento religioso. Chamava-se S. Isidoro este, ignoramos porquê.

Durante longo tempo, Porfirio não saía dele senão para ir à cidade em tempo de eleições, do júri, ou à uma ou outra festa. Ali Rosinha nascera e crescera à lei da

natureza, vivendo na promiscuidade indecente dos moleques e curumins, seus companheiros constantes de brinquedos no terreiro da casa, sob os coqueiros e laranjeiras, nos passeios por baixo do cacau, e nos banhos e pescarias a caniço da margem do rio. Seu pai era um pobre diabo, pouco menos que analfabeto, e falho desse bom senso vulgar que vale bem a instrução superficial das escolas primárias. Desambicioso, senão indolente, quando a necessidade não o chamava à pesca ou à caça, quando não era a época de encoivarar a roça, de plantar a mandioca, ou de colher o cacau, vivia a vida apática e estéril desses homens que nos recenseamentos, listas de qualificação e outros papéis oficiais da Amazonia, são chamados lavradores. Casara-se cedo, sem paixão, mas sem cálculo, com a filha de um vizinho, cuja casa frequentava quando solteiro. O isolamento do sítio, a necessidade de ter uma mulher, foram por muito neste casamento. Era D. Feliciano uma boa moça, feia de cara mas de formas abundantes e voluptuosas, que deviam influir o seu temperamento de mestiço. Tinha todos os defeitos e boas qualidades de mulher mameluca, mais forte que o homem, porém, como ele, sem intensidade na ação. Enquanto foi moça — E o foi por bons quinze anos — foi meiga e terna, de uma meiguice e ternura inteiramente carnis. Possuía no entanto, sobre o marido a superioridade do trabalho. Governava a casa, plantava com ele a maniva, colhia-a e reduzia-a a farinha, dirigia a cozinha em companhia da escrava encarregada de lhes fazer a comida, apanhava o cacau e nas viagens pequenas, quando faltavam remeiros, remava ela também.

Dois anos tinham de casados quando lhes nasceu aquela filha. Não lhe deram extremos amorosos; ambos a queriam muito, é certo, mas lhes fora indiferente que ela não houvesse nascido. Neste tempo uma tapuia da casa teve também um filho e a amamentação da menina, que recebeu na pia da igreja matriz de Santa Anna, em Óbidos, o nome de Rosa, ficou a cargo das duas mulheres. Rosinha, como Logo entraram a chamar-lhe, cresceu senão robusta, sadia. Desde que andou meteu-se de companhia com os curumins e molecas que havia no sítio e a maior parte do tempo passava com eles. Levava uma vida anfíbia, à beira da praia, ora n'água ora em terra, fazendo figuras na areia. Edificava tijupares em miniatura no terreiro, para agasalhar, em redes de um retalho de pano suspenso pelas pontas dos frágeis esteios dos pequenos edifícios, as suas bonecas, fabricadas pela mãe ou pela ama, uns monstregos verdadeiramente interessantes sob o ponto de vista da arte primitiva. Não se cansaram jamais em dar-lhe uma noção teórica qualquer. Batiam-na às vezes,

mas raras, quando se mostrava desobediente e insubordinada.

Havia na sala da casa, na mesma onde dormiam, sobre uma mesa tosca, um oratório de pau, pintado de azul e branco, cheio de imagens grosseiras e disformes. Metade pelo que observava, metade porque ensinaram, veio a saber que se chamavam “santos”, que moravam com o “papai do céu”, o mesmo que quando ela chorava a ralhava com sua voz de trovão. Notou que ninguém se chegava para os tais bonecos de pau, que muitas vezes cobiçou para seus brincos, senão quando roncava trovoadas. Então a mãe acendia uma vela de cera defronte do oratório, cuja cortina de chita se corria, e mais nada. Uma vez que se perdeu um brinco de ouro da ama, viu-a dar uma surra de cipó num deles, que já conhecia por Santo Antonio, e deixá-lo no oratório com o rosto virado para a parede. Como lhe diziam quando chorava que Nossa Senhora não gostava de meninas choronas e o Pai do céu ralhava, começou a ter medo daqueles santos, e punha-se às vezes a olhá-los de longe, com um olhar pasmado. Pelos mesmos motivos ameaçavam-na também com o Curupira, o tutu, pretos velhos que comem meninas, metendo-lhe muito medo. A ama, ou mãe-tapuia, consoante a tratava, embalando-se com ela na rede para a fazer dormir, cantava-lhe uma canção indígena, numa toada uniforme e enfadonha, que a força de ouvir já sabia de cor: Akuti-púrú ipurú nêrupecê cimitanga miri ukerê uarana. Mais tarde contaram-lhe as histórias do Caipóra e do Matintapereira, de que ela gostou muito e que se fazia repetir, já pelas pretas, já pela mãe-tapuia. Estas noções vagas do supernaturalismo selvagem misturavam-se com as histórias dos santos do oratório, que podiam dar chuva, fazer achar qualquer objeto perdido, ou cessar os trovões, confundiam-se, amalgamavam-se na sua consciência onde a crença na Virgem Maria era igual à na Mãe-d’água. Algumas festas de igreja, a que depois assistiu em Óbidos, e as ladainhas, que a todo o proposito havia em casa de seu avô, iniciaram-na pouco a pouco na religião. Aos onze anos sabia o Padre-Nosso, a Ave Maria e fazia o sinal da Cruz. Isto bastava-lhe, contudo, para rezar quando no silêncio da noite ouvia o assobio do Matintapereira ou o pio rouco e agourento de uma ave noturna. À noite, cansada do brincar de todo o dia, deitava-se, muitas vezes com o mesmo vestido ou camisã que trouxera durante o dia, e dormia no mesmo quarto com seus pais. Por fim o pai mudou-se para a cidade, de onde seus amigos políticos o chamavam para as altas funções de procurador da Câmara Municipal. Com esse amor às posições oficiais, por mais reles que sejam, próprio às raças fracas, correu

pressuroso não ao apelo dos seus amigos, como dizia e nós repetimos, mas a abocanhar aquele magro “osso”, segundo a expressão pitoresca dos adversários, pelo qual suspirara tanto tempo abandonando com imprevidência o seu sítio e esquecendo que na lista da qualificação do distrito tinha o qualificativo de lavrador adiante do seu nome. Chegando a Óbidos, Rosinha teve, uma sobre outra, duas sensações diferentes: a alegria que experimenta toda a roceira ao ver-se na cidade, e a tristeza do isolamento pela falta dos seus companheiros e da sua liberdade. Aqueles, como o cacoal, como aquelas árvores a que trepava e por entre as quais corria, tinham ficado na “outra banda”, e achava-se aqui só, com seus pais, a Camila, a negrinha que fazia o serviço da casa, uma outra preta, e a mãe-tapuia. Pouco depois este aborrecimento legítimo teve uma distração, que acabou com ele: puseram-na na escola. Era inteligente ou, como dizia D. Feliciano às suas amigas contando-lhes as qualidades da filha, tinha boa memória, e fez progressos. Ao cabo de dois anos saiu da escola sabendo o catecismo, lendo o Simão da Nantua e o Tesouro de Meninas e escrevendo sem muita ortografia, com a letra bonita, mas banal, do geral das obidenses. Foi nas suas idas e vindas entre a casa e a escola que principiou a namorar. Ali, no trato com suas condiscípulas, nas palestras que precedem a abertura da aula, enquanto a mestra está lá para dentro tratando da família e da casa, tinha aprendido a considerar o homem de uma maneira que nós nos sentimos inábil para explicar, mas que por uma intuição perfeitamente natural e orgânica ela devia compreender. Quiçá o considerava já um fim, um destino da mulher, ao qual se chega pelo namoro, como via praticar às colegas que lhe contavam histórias das suas precoces afeições aos meninos da escola do professor Valente, ou a algum caixeiro de doze anos. Depois desta iniciação, viera-lhe um vago desejo de ter um namoro.

Ficava-lhe no caminho da casa a taberna do Manoel Bicudo, cujo caixeiro, o Antonio Bicudo — como lhe chamavam dando-lhe a alcunha do patrão — não a deixava passar sem lhe dirigir uma chalaçazinha. Era um mau rapaz, muito temido pelas pacatas famílias obidenses, sempre receosas da sua maledicência, já em palestras em rodas mexeriqueiras, já em pasquins infames, a cuja fabricação era atreito.

Infelizmente para ela, Rosinha não o conhecia, mas quando tivesse já ouvido dizer mal dele, é possível que isso não fizesse peso na sua cabecinha leviana de menina de quinze anos. Demais, com seus olhos peninsulares muito pretos e

amorosos, o seu bigode negro, pequeno, mas farto, era Antonio um dos mais bonitos rapazes de Óbidos naquele tempo, e isto lisonjeava-lhe a vaidade recentemente acordada pelo desejo de ter, como as maiores da escola, principalmente como sua amiga Annica Raposo, um moço que gostasse dela e de quem ela gostasse também. O Antonio nunca a deixava passar, com a mãe-tapuia bauzinho de folha de Flandres da costura e os livros, sem lhe dizer uma gracinha que ela aceitava rindo-se, de cabeça baixa, intimamente grata à esta constância e orgulhosa da conquista.

Por fim, não satisfeito sem dúvida com estes risinhos platônicos a quatro vezes por dia, o caixeiro do Manoel Bicudo, seduzindo a ama com um copito de aguardente — tão grata ao paladar tapuio — um pedaço de tabaco, ou uns covados de chita, conseguiu interessá-la pelo seu namoro até fazê-la portadora de uma carta sua para Rosinha, que, já o dissemos, não era de todo indiferente às assiduidades do rapaz, e que não tardou em responder, sendo logo conhecido em toda a cidade que ela era namorada do Antonio Bicudo, graças ao gosto que tinham umas velhas chamadas Gonzagas de espreitar, por entre as poeirentas gelosias das suas janelas, o que se passava pela vizinhança e de dar conta às suas comadres e amigas, pedindo sempre o maior segredo, do resultado das suas observações.

Mostrou-se o moço Antonio muito enamorado de Rosinha. Na igreja, primeiro lugar onde se puderam ver mais de próximo, ia ajoelhar-se sempre perto dela, junto à grade. Durante a missa os seus olhos não se deixavam, era um êxtase para ambos esse entrelaçamento de dois olhares, num diálogo que por ser mudo não era menos eloquente e gostoso. Em um leilão de prendas da festa de Sant'Anna deu dez mil réis por um sagui e mandou-lho oferecer pelo leiloeiro, com grande escândalo de algumas famílias reparadeiras destas coisas. Com a facilidade de fazer relações que há nas terras pequenas, começou mesmo a parar à janela do procurador, com quem aliás já tinha conhecimento, para conversar, ora com ele, ora com D. Feliciano ou Rosinha, muito acanhada ainda nos primeiros tempos. Dava cigarros ao pai e ao cabo de alguns dias começou a tuteá-lo, achando-lhe sempre muita pilheira nas graças lorpas. Um dia aceitou uma xícara de café lhanamente oferecida e entrou. As suas boas maneiras acabaram de conquistar-lhe D. Feliciano, a cuja disposição pôs, com muitos oferecimentos, os seus serviços e a loja do patrão. Destas relações não se desaproveitou Porfirio, que conseguiu dele a abertura de um crédito na loja. O caixeiro ganhando sobre ele a superioridade de credor, teve maior entrada na casa e começou

a namorar-lhe abertamente a filha. Ele e a mulher, entretanto, não davam por isso, e na cidade eram talvez os únicos que ignoravam as relações amorosas, até aí inteiramente honestas, deve dizer-se, de sua filha com Antonio Bicudo, relações a que ela se entregava com o abandono terrível da mulher que não calcula riscos, nem conhece deveres. Assim, quando saiu da escola, pouco depois de começar este namoro, levava horas inteiras à janela, a olhar o Antonio, que vinha pôr-se em exposição aos seus olhos amantes, encostado à ombreira da porta, fumando cigarros, com um ar satisfeito. Entrou a corar, depois, quando o encarava e ainda mais se ele, como as acontecia nas ocasiões que se viam de perto, apertava-lhe as mãos com uma pressão terna de dedos.

Estavam as coisas neste pé, quando Antonio, não sabemos por que motivo, foi posto fora da casa do Manoel Bicudo levando, além de um conto de réis do que chamava cinicamente os seus “caídos”, — umas economias feitas à custa da gaveta da taberna, — A alcunha do patrão. Em uma carta à Rosinha disse-lhe que ela era a causa da expulsão, pois o Manoel exigia dele não voltasse à casa do procurador e não lhe fiasse nem mais um vintém, ao que ele, por amor dela, não quiz aceder, preferindo ser despedido. A mãe-tapuia corroborou a história, e ela acreditou-a. Esta ideia de ter feito uma vítima encheu-a de vaidade e redobrou o seu amor : afligia-a e inebriava-a. Fazia sofrer um homem, um pobre rapaz era perseguido — A despedida tomava a seus olhos um caractere de perseguição — por causa dela. E amou-o então apaixonadamente; seu afeto crescendo tomou uma feição de ternura em que havia já um pouco do carinho maternal que está no fundo do coração de toda a mulher, e um intensidade de que não a julgariam capaz. Pobre Antonio, estrangeiro, longe da sua terra e de seus parentes, ainda em cima era infeliz, por amor dela. Não havia, pois, de protegê-lo com o seu amor? não devia cobri-lo com as suas carícias? E assim pensando quisera tê-lo ali sempre ao pé de si, com a cabeça sobre o colo, a catar-lhe os cabelos negros, e depois curvar-se sobre ele, abraçá-lo, beijá-lo, por gratidão, porque ele se sacrificara por ela...

Este acesso de paixão não escapou ao Antonio. Tornou-se em consequência exigente, fingindo ciúmes de todo o mundo, que muito a alegravam, vendo neles uma prova de amor. Havia tempos que lhe falava em terem uma entrevista em lugar ermo, a sós; agora estava outra vez empregado, precisava tratar do casamento — pois queria casar com ela — tinha muita coisa no coração para dizer-lhe. Ela recusava,

interiormente satisfeita com o pedido. Por um, ele mostrou-se zangado e declarou-lhe que se não fazia o que lhe pedia era porque gostava d'outro — o João do Gomes —; que não o amava, a ele Antonio; que fora um tolo em sacrificar-se por ela; e, queixando-se assim, amargamente, deixou-a, fingindo-se irritado e pesaroso, afirmando-lhe que se não anuísse aos seus desejos, se iria embora de Óbidos, para o Madeira, morrer de febres, que se mataria em suma. E levou dias sem lhe passar pela porta.

Esses dias viveu-os ela angustiada, muito triste, chorando às escondidas. Não sabia o que fizesse; tinha medo dos pais, e ao mesmo tempo desejo ardente de encontrar-se sozinha com o Antonio para conversarem à vontade. E punha-se a cismar no modo como aquilo se havia de arranjar, que ninguém soubesse. Lembrava-se de ir ao lago, que fica por detrás da cidade, tomar banho com a mãe-tapuia, e então ele apareceria, como por acaso, e estariam juntos muito tempo. Com certeza, porém, a mãe-tapuia não os deixaria sós, e ela tinha uma suspeita vaga que ele queria falar-lhe de coisas que uma terceira pessoa não podia ouvir, segredos de namorados, desejos de amante; e pensava sorrindo se ele lhe pediria um beijo. Ao cabo de quatro ou cinco dias recebeu, por intermédio de uma escrava do novo patrão do Antonio, uma carta deste. “Amanhã, dizia, passa aqui o Tapajós, se até à tu não tiveres feito o que te pedi, e que já não gostas de mim e por isso vou-me embora. Aceita, ingrata, um adeus eterno de quem muito te amou.” Era disfarçada a letra e sem assinatura a carta. Esta resolução do Antonio pô-la fora de si. A ideia de perdê-lo assombrava-a. E sem poder mais resistir àquele amor, que conhecia agora tão grande, resolveu de pronto responder-lhe dizendo-lhe viesse essa noite mesmo, às onze horas, esperá-la na cerca de sua casa, que dava para um espesso matagal. Foi à cozinha, tirou um carvão e meteu-o, com um fio de tucum, em que deu onze nós, dentro de um cartuxo de papel. Escondendo tudo no seio — cúmplice inconsciente e sempre pronto das mulheres — foi pôr-se à janela esperando ocasião para enviar a Antonio aquele singular invólucro. Daí a pouco passou uma rapariguinha, uma tapuinha de dez anos, de ar adoentado e tolo, com uma garrafa na mão, em direção da taberna.

— “Tu vai na casa de nhô Antonio?” perguntou ela à rapariga.

— “Vu, sim sinhara.”

— “Toma — disse, dando-lhe o cartuxo de papel — dá isto pra ele e diz, olha

não te esquece, diz : na cerca do quintal da casa.”

O Antonio Bicudo, recebendo o embrulho e o recado, achou aquilo ridículo, tanto mais que não compreendia o enigma. Pouco depois uma rapariga que entrou na venda, a quem consultou, explicou-lhe que o carvão queria dizer noite, e os nós no fio de tucum onze horas, cada nó uma hora. E riu-se muito querendo por força saber quem o esperava àquela hora, declarando que ia contar à filha do “nhô Profiro” à “nhá Rosinha” que ele já tinha outra namorada. Ele ria-se também, beliscava-a nos braços magros, acariciava-lhe a cara, fazendo-lhe muitas festas, dizendo-lhe brejeiradas, até que ela se foi repetindo:

— E bem! Eu conto... cantando muito a frase.

Pelas onze horas dessa noite na casa do procurador da municipalidade de Óbidos todo o mundo dormia, exceto Rosinha, agitada pela comoção febril do medo e pela ansiedade da espera. Quando no velho relógio do copiar soaram pausadamente as onze pancadas ansiosamente esperadas, Rosinha saiu do seu quarto, de pés descalços, com o vestido alvadio de chita desbotada que trouxera durante o dia e não tirara para deitar-se. A noite era clara e úmida. A lua, como uma enorme gema d’ovo deslizando no céu de um azul diáfano, lavava a natureza num banho de orvalho e de luz. Havia um silêncio absoluto, apenas cortado pelo uivar triste e lúgubre de um cão que vinha de longe e chegava fraco aos ouvidos de Rosinha, parada no quintal, com os negros cabelos soltos, ondeantes sobre as costas, tremula de medo, pálida pela comoção, em pleno luar, como uma estátua de mármore.

Enfim, cobrando animo caminhou para o fundo do quintal, na direção da cerca. Espreitou e não viu ninguém. A tremer, por um supremo esforço de vontade, passou a porta, de varas. Sentiu que ali estava alguém, que passando-lhe um braço em torno da cintura e conchegando-a de si, murmurou-lhe: Meu bem... Era Antonio, que acabava de dar-lhe um beijo afoito na face pálida e úmida do sereno da noite. Instintivamente ela disse não, sem saber ao que, e sem resistir. A natureza, naquela opulência de luz fria, punha-lhe no corpo uma quebreira, uma moleza irritante de nervos, a pedir abraços que aquecessem. Começava a sentir uma grande fraqueza geral a prostrá-la, como após uma visão deleitosa. Então ele falou-lhe ao ouvido, baixinho, carinhoso, terno, suplicante, beijando-a na orelha a miúde. Ela apenas tinha forças para repetir “não” em voz fraca e tremula, rendida, com o peito a arfar em

contrações voluptuosas. Ele continuava a falar-lhe e a beijá-la, entrecortando as palavras, numa sofreguidão de nervos irritados.

— Tu me enganas... disse-lhe ela com voz sumida, reclinada no braço dele, fitando-o com um olhar languido.

— Não te engano. Juro-te por esta luz que está nos alumando que caso contigo, respondeu solene.

— Por Deus? tornou ela.

— Por Deus! afirmou ele beijando-a na boca longamente.

O cão, ao longe, deu um último uivo triste como um grito de agonia, um passarinho soltou seu assobio fino e agudo de um arbusto ali perto, a lua, resvalando no espago, velou a esplendida face por detrás de uma nuvem, e tudo caiu em enorme silêncio, onde apenas um ouvido acostumado poderia distinguir o concerto em surdina de milhões de insetos metidos por entre a vegetação molhada de orvalho, esse silêncio noturno das nossas regiões a que o tapuio chama, talvez imitativamente, kiriri.

D. Feliciano essa noite foi incomodada por certo ruído que lhe fez temer pela sorte dos seus pintos, vítimas de alguma famélica mucura. Levantou-se, e mesmo em fraldas veio ao quintal examinar; tudo estava calmo. Entretanto, pareceu-lhe que perto da cerca, ao fundo, moviam-se dois vultos, nos quais, pouco distintamente, é verdade, julgou lobrigar um homem e uma mulher. Ia atentar neles quando a lua, escondendo-se com uma nuvem, pô-los na sombra; ao mesmo tempo um cão uivou, que nem uma voz de agouro, e um passarinho soltou quase ao pé dela um canto triste como um gemido. D. Felicia, muito supersticiosa, deu o andar para o seu quarto, benzendo-se e murmurando apavorada: Cruz, credo!... Daí por pouco a lua sumiu-se inteiramente do horizonte e parecia que todos dormiam na casa do procurador.

II

Na segunda-feira, como dissera à mulher no jantar a que assistimos, o Sr. Porfirio partiu, de fato, com toda a família para o lago Paru, onde nesse ano, segundo se dizia, o pirarucu abundava. Obrigava o procurador a deixar os encantos da cidade e as honrosas ocupações do seu cargo, a terrível necessidade. Depois que irrefletidamente abandonara o sítio, e com ele os seus únicos interesses legítimos, para vir habitar a cidade, endividara-se muito e via-se agora forçado, para livrar àquela propriedade da penhora com que o ameaçavam seus diferentes credores, a fazer esta estação de pesca. Por isso o vimos tão zangado no dia em que participou

à D. Feliciano a resolução que a necessidade o obrigara a tomar. Tinha-se afeito àquela vadiação das terras pequenas, as palestras, os mexericos, as maledicências nas portas das lojas ou da botica. Habitara-se a só vir à casa para comer e dormir; as demais horas gastava-as nas audiências, nas sessões da Câmara, em certas rodas, muito conhecidas e famosas, de outros tantos desocupados como ele, ouvindo e dizendo mal do próximo, inventando enredos políticos — porque ele era uma das influencias não sei de que partido — bisbilhotando, numa malandrice pulha. Ao sítio quase não ia. Tinha-o entregue a um tapuio velho e aos curumins e moleques. outrora os companheiros de brinquedos da filha. Aquilo ali ia de mal a pior: as safras não lhe produziam nada, descuradas, senão roubadas, pela gente que lá tinha. Acostumado a esta vida mole, indolente, da cidade, a ida para o Paru contrariava-o bastante. Não podendo, todavia, ser de outro modo, na segunda-feira de manhã embarcou com os seus na sua igarité, fundeada no Porto-de-baixo. O porto de Óbidos apresentava o aspecto animado e vivo que lhe era habitual naquele tempo, quando chegava um vapor. Naquele tempo, porque hoje, com vapores quase diariamente, e às vezes quatro de uma vez, os obidenses já pouco se incomodam por eles. Outrora, não. Não obstante esperada, não deixava a chegada de um vapor de ser um fato importante, ansiosamente aguardado, que dava à cidade um ar festivo. Como então os vapores não fossem, qual vão hoje, a toda a parte, mesmo dos “sítios” muita gente vinha esperá-los na cidade, já para receber e trazer cargas, já por mera curiosidade. Muito povo descia ao porto para esperar o navio, sôfregos de notícias, ávidos de novidades que não fossem os mexericos da terra, como quem se apronta para saborear um petisco novo. Mal apontava ele na ilha Grande, já começava a afluir gente à margem ao rio, formando, sob as árvores, na porta das lojas, grupos que a política destacava. E não tocara ainda o fundo a grande ancora, que caía escorregando com ruído pelos escovens e levantando barulhosamente espadanas d’água, já muitos saltavam nas “montarias” e dirigiam-se para ele. Poucos daqueles, porém, lá tinham que fazer; iam uns simplesmente cumprimentar o comandante, geralmente um sujeito insolente, que naqueles bons tempos do monopólio da poderosa Companhia do Amazonas, tratava a todos com sobrançeria vilã, outros, — E não era pequeno o número destes — iam somente pelo prazer infantil de estar a bordo, passear pelo tombadilho, subir à caixa da roda e ao passadiço, debruçar-se na amurada e ver a machina, que contemplavam atônitos, boquiabertos, sem

compreender, trocando mutuamente observações parvoinhas e cândidas. Faziam os primeiros roda ao comandante que, se estava de bom humor, contava-lhes as novidades do Pará e do Sul; afetando as suas relações com os figurões, com o presidente da província, o Amaral... o Brusque... que lhe tinha dito... Como vai major? interrompia-se para cumprimentar com gesto de pouco caso um novo ouvinte que lhe chegava.

De terra vinham-lhe presentes: pães de ló, araras, atas, bananas, cupuaçus, macacos. — Entrega isso ao dispenseiro e dize lá no senhor que obrigado; gritava ao portador, desdenhoso e grande.

E os da cidade escutavam-no como um oráculo, rindo-se muito de suas graçolas, se as dizia, concordando invariavelmente com ele, sentindo-se honrados com a sua palestra. Depois de distribuída a correspondência no correio, formavam-se grupos nas esquinas das ruas, nas lojas ou em casa dos importantes da terra: davam-se reciprocamente notícias, mostravam-se cartas, discutiam-se as novas trazidas pelo vapor. Um alvoroço, em suma.

No dia do embarque de Porfirio destacava-se no porto, enorme no meio das montarias que o cercavam, quase com a proa em terra, um dos vapores da Companhia de Navegação e Comercio do Amazonas, que por esse tempo monopolizava a navegação do grande rio. Havia por isso um grande roborinho, um movimento desusado na praia.

De bordo vinha o som rouco, como que engasgado, do vapor escapando-se pelos tubos; os gritos da marinhagem e do mestre, a dirigir as manobras secundarias, o rumor de vozes da gente de terra, ociosos, que tinham ido a passeio, negociantes, em busca de suas cargas, passageiros que desembarcavam ou embarcavam. Quatro grandes batelões atopeados de lenha, regularmente cortadas em achas iguais, tinham já atracado ao navio, dois por banda, e forneciam-lhe o mantimento para as fornalhas, à custa das matas preciosas daqueles sítios. Um renque de homens marinheiros de bordo e gente dos batelões, passavam de mão em mão as achas, que o último ia arrumando metodicamente na vizinhança da máquina, no centro do navio. Um deles contava-as, com uma toada monótona que chegava ao porto, uma... duas... três... quatro... dez... vinte... trinta... quarenta... cinquenta, talha. Nisto alguém que estava fiscalizando o recebimento da lenha, talhava o último número com um risco de lápis e a contagem continuava, um... dez...vinte... trinta...quarenta... cinquenta,

talha... De bordo desembarcavam alguns passageiros, alegres, rindo-se da terra e dos matutos, fumando charutos. Queriam comprar frutas e ver a “aldeia”, diziam alto, zombando. Um naturalista inglês, alto e magro, de grandes óculos e grandes suíças, metido em comprido paletó de brim pardo, com uma pasta e um binóculo a tiracolo, gesticulava ao redor de sua bagagem, sobre a qual havia uma arara empoleirada, dirigindo-se num português arrevesado ao caboclo que o trouxera na sua montaria de bordo.

Sentada no banco, à beira da tolda de palha da igarité, Rosinha olhava tristemente isto tudo: as casas baixas e dum aspecto chato do porto, meio escondidas por detrás das ramalhudas castanheiras, o vapor, a larga praia e a cidade, em cima. Procurava com os olhos alguém. Homens e mulheres, metidos n’água até os joelhos, enchiam potes vermelhos, bojudos, ou grandes cuiambucas esféricas. Outros mercadejavam peixes e frutas com tapuios indolentemente sentados nas bordas de suas montarias, puxadas todas na praia, olhando estaticamente para o vapor. Havia por ali alguns pequenos negociantes e caixeiros já despachados de bordo ou sem que fazer lá, traficando, ou cavaqueando familiarmente com as raparigas. Mas de balde o procurou a bordo e em terra; não o viu.

A canoa largou, por fim, do porto, fazendo um largo bordo por detrás do vapor. Ela ainda o buscou com a vista, mas inutilmente. O Porto-de-baixo, o vapor e o estabelecimento da lenha desapareceram e o sobrado do Porto-de-cima surdiu branco e deselegante sobre o seu cais. Sorriu-lhe mais a esperança de vê-lo ali, porém, não o descobriu nem no cais, nem na bela praia branca que costeavam. Havia pouca gente. Apenas algumas mulheres e homens tomavam banho, completamente nus, a pouca distância uns dos outros, com uma sem cerimônia desavergonhada e primitiva. Entre os banhistas não o viu também. Perdida a última esperança, soltou um grande suspiro e fitou os olhos nas águas barrentas do rio, onde duas lágrimas, que lhe escorregaram pelas faces, foram cair. E teve de envolta uma grande saudade e um sentimento profundo de desalento e humilhação.

Pensou convencida que ele não gostava dela, pois nem ao menos se viera despedir, vê-la pela última vez, seguiu-a com os olhos até à canoa que a levava sumir-se numa ponta, como havia fantasiado e como, se pudesse, faria por ele. E então não teve vergonha, nem remorsos, teve raiva de lhe ter cedido, a ele que a não amava, e a quem ela amava mais depois que se lhe dera com todo o abandono da primeira

paixão. Seus pais notaram-lhe a tristeza e viram-lhe até as lágrimas; atribuíram tudo à pena de deixar a cidade e abandonaram-na a si, convencidos que aquilo passava logo.

A canoa, remada por três tapuios e um preto, que manejavam destramente o remo elíptico e chato como uma arraia, corria ligeira costeando a margem tão perto quanto possível, de modo a evitar a corrente do rio. O procurador, desde que ficara fora do alcance das vistas da cidade, tirara o paletó e os sapatos, e descalço e em mangas de camisa, fora pôr-se ao jacumã, fumando um cigarro comprido de tauari, numa posição mole e beatífica, sem olhar a paisagem que se desenrolava ao lado, a sua vista. Eram primeiro altas ribanceiras de tabatinga, uma terra branca zebrada de grandes laivos vermelhos, crivadas de buracos cilíndricos, donde se escapavam gritando, enchendo o ar com a sua gralhada dissonante, bandos de arirambas de costas cinzentas e peito roxo e branco. Por aquela terra de aluvião crescia uma vegetação exuberante e verde, intrincada e densa aqui, rala acolá, onde as embaubeiras com suas folhas reviradas e claras metiam um tom alegre. Passaram alguns sítios, cujos cachorros vinham à beirada latir à canoa; a ex-Colônia, com suas casas em ruínas, a igreja por concluir, desmantelada e cheia de árvores, tudo meio sumido pelo matagal, e dominado por uma grande cruz enegrecida pelas intempéries, que de cima de um teso, ao norte, estendia seus braços sobre aquela triste solidão de um lugar já em tempos habitado, e onde, segundo a tradição ainda viva, passaram-se dias alegres e felizes.

Logo acima da Colônia entraram no Trombetas, pela “boca” da Maria Thereza, em cujas margens pararam, afim de cortarem os esteios e a palha para a barraca que deviam erguer no lago, onde não achariam aqueles dois materiais; o que feito seguiram viagem.

O Paru, para onde Porfirio se dirigia com a família, é, ao menos no “tempo da salga”, não um só lago, mas uma aglomeração de lagos, conhecidos coletivamente por aquele nome. Como toda a região do litoral amazônico, esta apresenta por ano dois bem distintos aspectos, tão diferentes mesmo que é impossível a quem aí passou no verão reconhecê-la no inverno, ou, para falar com mais propriedade, reconhecê-la na cheia quem por aí passou na vazante. No inverno, no tempo das chuvas, ou durante a enchente geral do Amazonas, cuja despótica influencia se faz sentir sobre todas as águas que com ele direta ou indiretamente comunicam, o Paru é um vasto

lago, cujas margens mal se avistam na sua maior largura, a estender-se alagando grande parte das terras do triangulo formado pelo Trombetas de um lado, o furo do Caxuiry de outro, e o Amazonas, do qual, quando é grande a cheia, apenas o separam linguetas de terra apaúlada, vestidas de alto capim e de um ou outro arbusto enfezado. A porção de lagos — pelos menos uns cinquenta — que no verão se agrupam em roda do que nesta época se chama o igarapé ou rio do Paru, que se despeja no Trombetas, a duas horas de canoa da sua foz, fundem-se, bem como o igarapé, numa enorme massa de água, que de azul intenso que é passa a ser barrenta como as do Amazonas, na qual apenas as ilhas mais altas e algumas raras árvores mais alterosas, conseguem tomar pé. Nas margens baixas que o circundam a vegetação dominante é de gramíneas: extensíssimos capinzais muito verdes, formando um desmedido campo igual, como se o aparara a tesoura adestrada dum jardineiro, por onde voam bandos numerosos de garças brancas e colhereiras cor de rosa, de compridos bicos chatos. No fundo então, vê-se, em todo o tempo, a mata escura e basta do Caxuiry, que das margens do Amazonas vai juntar-se às grandes florestas do Trombetas. Na vazante, aquelas terras, mergulhadas durante mais de quatro meses, surgem verdejantes e úmidas do meio das águas, desenhando ali um amplo mapa de bacias de todos os tamanhos, de todas as profundidades e de todos os feitios; um verdadeiro system de lagos tendo por base o comprido rio do Paru, com o qual todos se pegam e ao redor do qual se estendem, se complicam, se engrazam, se emaranham, comunicando-se uns com os outros por pequenos braços d'água. E nessa região, por onde meses antes passou sem perigo um vapor, agora elevam-se as cabanas das feitorias, e o pescador encontra lagos onde a custo nada a sua canoa microscópica, quando lá vai gapuiar. Mais altas que as outras, são as beiradas do igarapé, que chegam a formar pequenas ribanceiras de quatro a seis metros; é, pois, nelas que os que vêm à salga armam a sua miserável barraca de palha, a que chamam feitoria.

Quer de inverno, quer de verão, a água é aqui o elemento dominante; é alagada a terra, exsuda linfa a vegetação, o ar é saturado de umidade, que nas noites carregadas de sereno envolve a gente como num lençol molhado; o reino animal, como o vegetal, é representado quase que só por aquáticos; o chão, traidor aos passos desprevenidos, é ensopado e alagadiço, sob a camada de grama que o cobre. A vegetação escassa dessas terras aguacentas, tem um verde claro, lavado. São os

dilatados campos de canarana e de muri, de onde se eleva isolada uma ou outra palmeira caraná ou jauari, em cujas ramas cantam nas manhãs alegres os sabias do poeta; a fraca embaúba de folhas grandes, recortadas e ásperas, a grossa e rude mongubeira em cujos galhos fabricam seus ninhos, compridos como aboboras, os japiins brincões; o taxi. cujas flores brancas, de que nesta época se cobre a sua copa simétrica, dão-lhe de longe o aspecto de um enorme ramalhete erguido no ar. Raramente, lá em ponto favorecido por não sei que circunstância de terreno, crescem juntas, qual ilha no meio deste mar de canarana, algumas árvores pecas, condenadas fatalmente a serem afogadas pela cheia. Nas beiras dos canais que comunicam os lagos entre si e em toda a extensão do comprido igarapé é onde se reúne alguma vegetação — uma vegetação fraca, sob a enganadora aparência do seu brilho — formando como que uma trincheira para impedir a queda das terras roídas pelas águas. Umas árvores de cerne alvadio, rugoso, de nomes esquisitos: o magro e folhudo socoró, o paricá falso, o uruá, o acarauaçu, de casca pintada como o peixe desse nome, o catauari de poucos galhos e a cuiarana, mal comparada à verdadeira e linda cuieira.

Depois do largo mergulho da cheia — durante a qual isto esteve completamente deserto — os lagos surgem por entre as terras emergidas, com uma vida ativa e animada, contrastando singularmente com a feição melancólica que tiveram antes, quando a enchente alagando tudo fundia-os em um só. As margens do igarapé povoam-se de barracas de palha, habitadas por uma população nômade, azafamada na alga do peixe que, de quando em quando, os pescadores depõem sobre a terra úmida, onde uma grama rasteira e gorda, chamada amã, faz um tapete macio e unido. O mundo vegetal, representado principalmente por ninfeias e gramíneas, ostenta um viço, um verdor, uma frescura alegre e brilhante, como a da caboclinha que sai úmida do banho, com as carnes a palpitarem vida.

Nas margens dos lagos, nos lugares menos varridos pelo sulcar das canoas, amontoa-se, formando-lhes esplendida faixa de verdura, uma soberba vegetação aquática — As verdes e risonhas gramíneas enaltecidas algumas de lindas flores, os pitorescos aruns, as gigantescas ninfeias, as airoleas enormes. De trecho em trecho esta orla é truncada pelos tijucopáuas, ou praias negras de tijuco, frequentadas por legiões de borboletas amarelas e brancas que, a distância e pousadas, parecem flores nascidas na lama solida. Agarrados à margem, os compactos matupás de

canarana, por sobre os quais esvoaçam leves, alegres e chilreantes passarinhos microscópicos, vergando as delgadíssimas ramas do capim, fazem-lhe uma continuação que ilude o peregrino alheio à esta terra; o úmido murerú, de grandes folhas grossas, arredondadas, concavas, forma chãos de um verde carregado, onde sobressaem as suas flores arroxadas com que o boto compõe os ramalhetes destinados às suas amadas. Sobre a água sobrenadam, condensados e unidos, os uapês de mil formas. Entre estes distingue-se um de folhas redondas, verde-avermelhadas, do meio das quais surdem alvas flores, golpeadas de escarlata, de feitio de estrelas, cujas finas hastes carmesins veem-se mergulhar através da água cristalina com ondulações airoas de serpentes. Isolada quase, formando um mundo à parte, nos remansos tranquilos de um lago menos batido dos pescadores, e mais perto da terra firme, a Victoria regia, o “forno de jacaré” dos naturais, desdobra as enormes folhas circulares de bordos cairelados de vivo carmesim virados para cima como um forno indígena, e ergue pouco fora d’água suas grandes flores semiesféricas: de manhã, alvas como a pena da garça, de tarde, cor de rosa como o papo da colhereira; dominando apesar de arredada, pela sua estranha e selvagem beleza e pelas extraordinárias proporções do seu tamanho, toda a luxuriosa flora aquática da região.

Fonte: VERÍSSIMO, José. O Boto. In: Cenas da vida amazônica. Brasília, DF: Projeto E - livros, 2022. E-book (kindle).

ANEXO II – UM CINTURÃO, DE GRACILIANO RAMOS

As minhas primeiras relações com a justiça foram dolorosas e deixaram-me funda impressão. Eu devia ter quatro ou cinco anos, por aí, e figurei na qualidade de réu. Certamente já me haviam feito representar esse papel, mas ninguém me dera a entender que se tratava de julgamento. Batiam-me porque podiam bater-me, e isto era natural.

Os golpes que recebi antes do caso do cinturão, puramente físicos, desapareciam quando findava a dor. Certa vez minha mãe surrou-me com uma corda nodosa que me pintou as costas de manchas sangrentas. Moído, virando a cabeça com dificuldade, eu distinguia nas costelas grandes lanhos vermelhos. Deitaram-me, enrolaram-me em panos molhados com água de sal – e houve uma discussão na família. Minha avó, que nos visitava, condenou o procedimento da filha e esta afligiu-se. Irritada, ferira-me à toa, sem querer. Não guardei ódio a minha mãe: o culpado era o nó. Se não fosse ele, a flagelação me haveria causado menor estrago. E estaria esquecida. A história do cinturão, que veio pouco depois, avivou-a.

Meu pai dormia na rede, armada na sala enorme. Tudo é nebuloso. Paredes extraordinariamente afastadas, rede infinita, os armadores longe, e meu pai acordando, levantando-se de mau humor, batendo com os chinelos no chão, a cara enferrujada. Naturalmente não me lembro da ferrugem, das rugas, da voz áspera, do tempo que ele consumiu rosnando uma exigência. Sei que estava bastante zangado, e isto me trouxe a covardia habitual. Desejei vê-lo dirigir-se a minha mãe e a José Baía, pessoas grandes, que não levavam pancada. Tentei ansiosamente fixar-me nessa esperança frágil. A força de meu pai encontraria resistência e gastar-se-ia em palavras.

Débil e ignorante, incapaz de conversa ou defesa, fui encolher-me num canto, para lá dos caixões verdes. Se o pavor não me segurasse, tentaria escapulir-me: pela porta da frente chegaria ao açude, pela do corredor acharia o pé do turco. Devo ter pensado nisso, imóvel, atrás dos caixões. Só queria que minha mãe, sinhá Leopoldina, Amaro e José Baía surgissem de repente, me livrassem daquele perigo.

Ninguém veio, meu pai me descobriu acorocado e sem fôlego, colado ao muro, e arrancou-me dali violentamente, reclamando um cinturão. Onde estava o cinturão? Eu não sabia, mas era difícil explicar-me: atrapalhava-me, gaguejava, embrutecido,

sem atinar com o motivo da raiva. Os modos brutais, coléricos, atavam-me; os sons duros morriam, desprovidos de significação.

Não consigo reproduzir toda a cena. Juntando vagas lembranças dela a fatos que se deram depois, imagino os berros de meu pai, a zanga terrível, a minha tremura infeliz. Provavelmente fui sacudido. O assombro gelava-me o sangue, escancarava-me os olhos.

Onde estava o cinturão? Impossível responder. Ainda que tivesse escondido o infame objeto, emudeceria, tão apavorado me achava. Situações deste gênero constituíram as maiores torturas da minha infância, e as consequências delas me acompanharam.

O homem não me perguntava se eu tinha guardado a miserável correia: ordenava que a entregasse imediatamente. Os seus gritos me entravam na cabeça, nunca ninguém se esgoelou de semelhante maneira.

Onde estava o cinturão? Hoje não posso ouvir uma pessoa falar alto. O coração bate-me forte, desanima, como se fosse parar, a voz emperra, a vista escurece, uma cólera doida agita coisas adormecidas cá dentro. A horrível sensação de que me furam os tímpanos com pontas de ferro.

Onde estava o cinturão? A pergunta repisada ficou-me na lembrança: parece que foi pregada a martelo.

A fúria louca ia aumentar, causar-me sério desgosto. Conservar-me-ia ali desmaiado, encolhido, movendo os dedos frios, os beijos trêmulos e silenciosos. Se o moleque José ou um cachorro entrasse na sala, talvez as pancadas se transferissem. O moleque e os cachorros eram inocentes, mas não se tratava disto. Responsabilizando qualquer deles, meu pai me esqueceria, deixar-me-ia fugir, esconder-me na beira do açude ou no quintal. Minha mãe, José Baía, Amaro, sinhá Leopoldina, o moleque e os cachorros da fazenda abandonaram-me. Aperto na garganta, a casa a girar, o meu corpo a cair lento, voando, abelhas de todos os cortiços enchendo-me os ouvidos – e, nesse zunzum, a pergunta medonha. Náusea, sono. Onde estava o cinturão? Dormir muito, atrás de caixões, livre do martírio.

Havia uma neblina, e não percebi direito os movimentos de meu pai. Não o vi aproximar-se do torno e pegar o chicote. A mão cabeluda prendeu-me, arrastou-me para o meio da sala, a folha de couro fustigou-me as costas. Uivos, alarido inútil, estertor. Já então eu devia saber que gogos e adulações exasperavam o algoz.

Nenhum socorro. José Baía, meu amigo, era um pobre-diabo.

Achava-me num deserto. A casa escura, triste; as pessoas tristes. Penso com horror nesse ermo, recordo-me de cemitérios e de ruínas mal-assombradas. Cerravam-se as portas e as janelas, do teto negro pendiam teias de aranha. Nos quartos lúgubres minha irmãzinha engatinhava, começava a aprendizagem dolorosa.

Junto de mim, um homem furioso, segurando-me um braço, açoitando-me. Talvez as vergastadas não fossem muito fortes: comparadas ao que senti depois, quando me ensinaram a carta de A B C, valiam pouco. Certamente o meu choro, os saltos, as tentativas para rodopiar na sala como carrapeta eram menos um sinal de dor que a explosão do medo reprimido. Estivera sem bulir, quase sem respirar. Agora esvaziava os pulmões, movia-me num desespero.

O suplício durou bastante, mas, por muito prolongado que tenha sido, não igualava a mortificação da fase preparatória: o olho duro a magnetizar-me, os gestos ameaçadores, a voz rouca a mastigar uma interrogação incompreensível.

Solto, fui enroscar-me perto dos caixões, coçar as pisaduras, engolir soluços, gemer baixinho e embalar-me com os gemidos. Antes de adormecer, cansado, vi meu pai dirigir-se à rede, afastar as varandas, sentar-se e logo se levantar, agarrando uma tira de sola, o maldito cinturão, a que desprendera a fivela quando se deitara. Resmungou e entrou a passear agitado. Tive a impressão de que ia falar-me: baixou a cabeça, a cara enrugada serenou, os olhos esmoreceram, procuraram o refúgio onde me abatia, aniquilado.

Pareceu-me que a figura imponente minguava – e a minha desgraça diminuiu. Se meu pai se tivesse chegado a mim, eu o teria recebido sem o arrepio que a presença dele sempre me deu. Não se aproximou: conservou-se longe, rondando, inquieto. Depois se afastou.

Sozinho, vi-o de novo cruel e forte, soprando, espumando. E ali permaneci, miúdo, insignificante, tão insignificante e miúdo como as aranhas que trabalhavam na telha negra.

Foi esse o primeiro contato que tive com a justiça.

Fonte: RAMOS, Graciliano. Um cinturão. Disponível em: < <https://contobrasileiro.com.br/um-cinturao-conto-de-graciliano-ramos/> > Acesso em: 12 fev. 2026

ANEXO III – O SÍTIO DE DONA BENTA, DE MONTEIRO LOBATO

O sítio de Dona Benta ficava num lugar muito bonito. A casa era das antigas, de cômodos espaçosos e frescos. Havia o quarto de Dona Benta, o maior de todos, e junto o de Narizinho, que morava com sua avó. Havia ainda o "quarto de Pedrinho", que lá passava as férias todos os anos; e o da tia Nastácia, a cozinheira e o faz-tudo da casa. Emília e o Visconde não tinham quartos; moravam num cantinho do escritório, onde ficavam as três estantes de livros e a mesa de estudo da menina.

A sala de jantar era bem espaçosa, com janelas dando para o jardim, depois vinha a copa e a cozinha.

— E sala de visitas? Tinha?

— Como não? Uma sala de visitas com piano, sofá de cabiúna, de palhinha tão bem esticada que "cantava" quando Pedrinho batia-lhe tapas. Duas poltronas do mesmo estilo e seis cadeiras. A mesa do centro era de mármore e pés também de cabiúna. Encostadas às paredes havia duas meias mesas também de mármore, cheias de enfeites: três casais de içás vestidos, vários caramujos e estrelas-do-mar, duas redomas com velas dentro, tudo colocado sobre os "pertences" de miçangas feitos por Narizinho. Hoje ninguém mais sabe o que é isso. Pertences eram umas rodela de crochê que havia em todas as casas, para botar bibelôs em cima; para o lavatório de Dona Benta; Narizinho fizera pertences de crochê; e para a sala de visitas fizera aqueles de miçanga de várias cores; da bem miudinha.

Antes da sala de visitas havia a sala de espera, com chão de grandes ladrilhos quadrados; "cor de chita cor-de-rosa desbotada". A sala de espera abria para a varanda. Que varanda gostosa! Cercada dum gradil de madeira, muito singelo, pintado de azul-claro. Da varanda descia-se para o terreiro por uma escadinha de seis degraus. Nas férias do ano anterior Pedrinho havia plantado em cada canto da varanda um pé de "cortina japonesa", uma trepadeira que dá uns fios avermelhados da grossura dum barbante, que depois ficam amarelos e descem até quase ao chão, formando uma verdadeira cortina viva. Aquela varanda estava se transformando em jardim, tantas eram as orquídeas que o menino pendurara lá os vasos de avenca da miúda que ele foi colocando junto à grade.

O jardim ficava nos fundos da sala de jantar, um verdadeiro amor de jardim, só de plantas antigas e fora da moda. Flores do tempo da mocidade de Dona Benta; esporinhas, damas-entre-verdes, suspiros, orelhas-de-macaco, dois pés de jasmim-

do-cabo, e outro, muito velho, de jasmim-manga. Plantado na calçada e a subir pela parede, o velhíssimo pé de flor-de-cera, planta que os modernos já não plantam porque custa muito a crescer. Até cravo-de-defunto havia lá, flor com que Narizinho se implicava por ter "cheiro de cemitério". Bem no centro do jardim havia um tanque redondo com uma cegonha de louça, toda esverdeada de limo, a esguichar água pelo bico. Mas a cegonha já estava sem cabeça, em consequência das pelotadas do bodoque de Pedrinho. E um velho regador verde morava perto do tanque, porque era com a água do tanque que tia Nastácia regava as plantas no tempo da seca.

— E o pomar?

— O pomar ficava nos fundos da casa, depois do "quintal da cozinha", onde havia um galinheiro, um tanque de lavar roupa e o puxado da lenha. O poço velho fora fechado depois que Dona Benta mandou encanar a água do morro.

Passado o quintal vinha o pomar — aquela delícia de pomar!

— Por que delícia?

— Porque as árvores eram muito velhas, e árvore quanto mais velha melhor para a beleza e a frescura da sombra. Árvore nova pode ser muito boa para dar frutas bonitas, baixinhas e fáceis de apanhar. Mas para a beleza não há como uma árvore bem velha, bem craquenta, com os galhos revestidos de musgos, liquens e parasitas. Certas árvores do pomar tinham donos. Havia a célebre pitangueira da Emília, as três jabuticabeiras de Pedrinho, a mangueira de manga-espada de Narizinho e os pés de mamão de tia Nastácia. Até o Visconde tinha sua árvore — um pezinho de romã muito feio e raquítico. O resto das árvores não eram de ninguém — eram de todos. E quantas! Cambucazeiros, duas jaqueiras, os pés de cabeluda e grumixama, os três pés de sapotis e aquele de fruta-do-conde que "não ia por diante."

Era tão antigo aquele pomar que os vizinhos até caçoavam. Viviam dizendo: "O pomar de Dona Benta está tão velho que qualquer dia se põe a caducar. As jaqueiras começam a dar manga e as mangueiras a dar laranjas." Mas Dona Benta não fazia caso. Não admitia que se cortasse uma só árvore — nem o pobre pé de frutado- conde encarangado. Dizia que cada uma delas lembrava qualquer coisa da sua meninice ou mocidade.

— Este pé de laranja-baiana — costumava dizer — foi o primeiro que tivemos aqui, e dele saíram os enxertos dos outros. Naquele tempo laranja-baiana era uma grande novidade. A muda foi presente do defunto Zé das Bichas, um português muito

trabalhador que morava numa chácara perto da vila.

Impossível haver no mundo lugar mais sossegado e fresco, e mais cheio de passarinhos, abelhas e borboletas. Como Dona Benta nunca admitiu por ali nenhum menino de estilingue, a passarinhada se sentia à vontade e fazia seus ninhos como se estivessem na Ilha da Segurança. O próprio bodoque de Pedrinho não funcionava no pomar.

— E que passarinhos havia?

— Oh, tantos!... No tempo das laranjas o pomar enchia-se de sabiás de peito vermelho, amigos de cantar a célebre música-de-sabiá que os pais vão ensinando aos filhotes, sempre igualzinha, sem a menor mudança. E havia os sanhaços cor de cinza clara. E as saíras azuis. E as graúnas pretíssimas. E muito canário-da-terra, muito papa-capim, tísio, pintassilgo, rolinha, corruíla...

As corruílas eram o encanto da menina, que vivia a observar o jeitinho delas no constante escarafunchamento dos muros carunchados em busca de pequenas aranhas e outros bichinhos moles. Bichinho duro corruíla não quer. E sempre com as penas da cauda erguidas, ninguém sabe por quê. Corruílas cor de telha e mansíssimas. Há também a linda corruíla do brejo, que faz aqueles enormes ninhos espinhentos — mas essas nunca apareciam no pomar. Moravam nos brejos.

Às vezes pousavam lá, de passagem, um ou outro tié-sangue, o passarinho mais lindamente vermelho que existe. Mas não se demoravam. Eram arisquíssimos.

— Por que, vovó, justamente os passarinhos mais bonitos são os mais ariscos?
— perguntou certa vez a menina.

— Justamente por serem bonitos, minha filha. Os homens perseguem os passarinhos bonitos porque são bonitos — quem quer saber de passarinho feio? Os tico-ticos, por exemplo: vivem na maior paz em todos os terreiros justamente porque ninguém os persegue. São feinhos, os coitados. Mas apareça aqui um tié-sangue, ou uma saíra daquelas lindas: todos se põem atrás deles, querendo apanhá-los vivos ou mortos. Para a felicidade neste nosso mundo, minha filha, não há como ser tico-tico, isto é, feinho e insignificante...

Mas o rei do pomar era o João-de-barro. Na paineira grande, bem lá no fundo, moravam dois num ninho feito de argila, em forma de forno de assar pão. Era o casal mais amigo possível. Não se largavam nunca. Onde estava um, também estava por perto o outro. E se por acaso um se afastava um pouco mais, volta e meia soltava

uns gritos como quem pergunta: "Onde você está" — e o outro respondia: "Estou aqui". E de vez em quando cantavam juntos aqueles terrível dueto que mais parece uma série de marteladas estridentes e alegres.

— Que coisa interessante, vovó! — disse Pedrinho um dia. — Repare que eles sempre cantam ou gritam juntos. Um faz uma parte e outro faz o acompanhamento, como no piano...

E era assim mesmo. São tão amigos que até para cantar "cantam a duas mãos", como dizia a boneca.

Certo ano o casal resolveu construir um ninho novo em outro galho da paineira, e durante quinze dias o divertimento dos meninos foi acompanhar de longe aquele trabalho. Os dois passarinhos traziam da beira do ribeirão um pelote de barro no bico, e ficavam ali a colocar aquela massa no lugar próprio, e a bicá-la cem vezes para que ficasse bem ligadinha. Enquanto um se ocupava naquilo, o outro voava em busca de mais barro. Nunca estavam os dois no mesmo serviço; revezavam-se. À tardinha interrompiam o trabalho, cantavam o dueto com toda a força e depois se acomodavam no ninho velho. Tia Nastácia vivia dizendo que nos domingos eles não trabalhavam, mas infelizmente os meninos não puderam tirar a prova duma coisa tão linda.

O mais curioso foi que depois de acabado o ninho novo, eles, em vez de se mudarem, resolveram fazer um segundo ninho em cima daquele. Quem primeiro notou isso foi o Visconde, que foi, todo assanhado, contar a Dona Benta.

— Venham ver — disse o sabuguinho. — Eles terminaram ontem a construção do ninho novo, mas não se mudaram do velho; em vez disso estão a construir um segundo ninho sobre o novo — uma espécie de segundo andar.

Dona Benta foi com os meninos e viu.

— Por que será, vovó? — quis saber Pedrinho.

— Não sei, meu filho, mas eles devem ter lá as suas razões.

— Eu sei — berrou Emília. — É para alugar!...

Todos riram-se.

— Eu acho — disse Narizinho — que é para acomodar os filhotes quando chegarem ao ponto de voar.

— Isso não — observou Dona Benta. — Porque se os pais construíssem casa para os filhos, estes não aprenderiam a arte da construção e essa arte se perderia. É

fazendo que se aprende, já disse o velho Camões.

— Mas então esses passarinhos raciocinam, vovó — têm inteligência...

— Está claro que têm, meu filho. A inteligência é uma faculdade que aparece em todos os seres, não só no homem. Até as plantas revelam inteligência. O que há é que a inteligência varia muito de grau. É pequeniníssima nas galinhas e nos perus, mas já bem desenvolvida no João-de-Barro — e é um colosso num homem como Isaac Newton, aquele que descobriu a Lei da Gravitação Universal.

No terreiro do sítio, em frente à varanda, havia sempre um mastro de São João, que Pedrinho fincava na véspera do dia desse santo, a 24 de junho, quando vinha pelas férias. Ele mesmo cortava o pau no mato, ele mesmo o descascava e pintava inteirinho, com arabescos vermelhos, amarelos e azuis. No topo do mastro colocava a "bandeira de São João", que era um quadrado de sarrafo, espécie de moldura, na qual pregava com tachinhas um retrato de São João meninote com um cordeirinho no braço. Essas bandeiras, estampadas em morim, custavam \$1,50 na venda do Elias Turco, lá na estrada.

O terreiro era vedado por uma cerca de paus-a-pique — rachões de guarantã. Bem no centro ficava a porteira. Para lá da porteira era o pasto, onde havia um célebre cupim de metro e meio de altura; e mais adiante, um velho cedro ainda do tempo da mata virgem. Através do pasto seguia o "caminho" — ou a estrada que ia ter à vila, a légua e meia dali. No fim do pasto, perto da ponte, apareciam a casinha do tio Barnabé e a figueira grande; e bem lá adiante, o Capoeirão dos Tucanos, uma verdadeira mata virgem onde até onça, macucos e jacus havia.

E que mais? Ah, sim, o ribeirão que passava pela casa do tio Barnabé cortava o pasto e vinha fazer as divisas do pomar com as terras de plantação. Impossível haver no mundo um ribeirão mais lindo, de água mais limpa, com tantas pedrinhas roliças de todas as cores no fundo. Em certos pontos viam-se pequenas praias de areia branca. Nas curvas a água quase que parava, formando os célebres "poços" onde Pedrinho pescava lambaris e bagres. As beiras de água rasa eram a zona dos guarus — o peixinho menor que existe.

Aos domingos tia Nastácia saía a mariscar de peneira. Os meninos davam pulos de alegria. A boa negra metia-se na água até à cintura e ia descendo o ribeirão, com eles a acompanhá-la da margem, aos gritos.

— Aqui, Nastácia, aqui nestes capinzinhos...

A negra, muito cautelosamente, mergulhava a peneira por baixo dos capinzinhos boiantes e suspendia-a de repente, de surpresa. A água escoava-se pelos furos e na peneira aparecia uma porção de vidinhas aquáticas, a saltar e espernejar: guarus barrigudinhos, lambarizinhos novos, pequeninas traíras e de vez em quando um baratão-d'água muito casquento e feio. E outros bichinhos ainda, incompreensíveis e sem nome. Certo dia a peneira trouxe uma cobra-d'água verde, que a negra jogou sob o capim da margem. Foi uma gritaria e uma correria das crianças.

— Não tenham medo que não é venenosa! — disse a negra rindo-se com toda a gengivada vermelha de fora. Mas os meninos não quiseram saber de nada. Ficaram a espiar de longe. A cobra verde foi coleando por entre os capins e se sumiu de novo na água.

O mais importante daquelas mariscagens eram os camarõezinhos de água doce, moles e transparentes, que tia Nastácia apanhava em quantidade. A carregadeira do samburá (a cestinha redondinha que os mariscadores usam para recolher o peixe) era sempre Narizinho. A menina ia passando os camarões da peneira para o samburá, com muito medo de ser mordida. Só os agarrava pelos fios da barba.

Pedrinho ria-se: "Boba! Onde se veem camarão morder?" E ela: "A gente nunca sabe..."

No jantar daqueles domingos, quando aparecia na mesa o prato-travessa cheio de camarõezinhos fritos, bem pururucas e vermelhos, as crianças até sapateavam de gosto. E se com os camarõezinhos vinha alguma pequena traíra ou bagre, a disputa era certa.

— A traíra é minha! — berrava um.

— É minha, é minha! — gritava outro. O remédio era sempre uma das célebres sentenças de Salomão de Dona Benta.

— Como vocês são dois e a traíra é uma só, eu como a traíra e vocês repartem os camarões. Cessava incontinenti a disputa, e a travessa de camarão ia diminuindo, diminuindo, até não ficar nem um fio de barba.

Fonte: LOBATO, Monteiro. O sítio da Dona Benta. In: O Saci. Disponível em: <https://www.baixelivros.com.br/downloadgratuito?saci.pdf&pdf=https%3A%2F%2F5ca0e999de9a47e09b777e3eeab0592c.usrfiles.com%2Fugd%2F5ca0e9_de4ef4557f714ac58aa0e1054c073314.pdf&title=O%20Saci%20%E2%80%93%20Monteiro%20Lobato&post_id=15306> Acesso em 13 fev. 2026.

ANEXO IV – A PESTE, DE JOÃO DO RIO

E de súbito, um indizível pavor prega-me ao banco. É um dia brumosamente invernal. O azul do céu parece tecido de filamentos de brumas. O sol como que desabrocha, entre as brumas. O ar, um pouco úmido e um pouco cortante, congela as mãos, tonifica a vegetação, e o mar, que se vê à distância num recanto de lodo, tem reflexos espelhentos de grandes escaras de chagas, de óleo escorrido de feridas, à superfície quase imóvel. O cheiro de desinfecção e ácido fênico, o movimento sinistro das carrocinhas e dos automóveis galopando e correndo pela rua de mau piso, aquela sujeira requeimada e manchada das calçadas, o ar sem pinga de sangue ou supremamente indiferente dos empregados da higiene, a sinistra galeria de caras de choro que os meus olhos vão vendo, põem-me no peito um apressado bater de coração e na garganta como um laço de medo. A bexiga! A bexiga! É verdade que há uma epidemia... E eu vou para lá, eu vou para o isolamento, eu!

Um mês antes ria dessa epidemia. Para que pensar em males cruéis, nesses males que deformam o físico, roem para todo o sempre ou afogam a vida em sangue podre? Para que pensar? E Francisco, o meu querido Francisco, a quem eu amava como a melhor coisa do mundo, pensava todo o dia, lia os jornais, tomava informações. "A média de casos fatais é de trinta por dia. Ela vem aí, a vermelha", dizia. E já organizara um regime, tomara quinino, tinha o quarto cheio de anti-sépticos, os bolsos com pedras das farmácias para afastar o vírus. Coitado! Era impressionante. Eu bem lhe dizia:

- Mas criatura, não tenhas medo. Andamos todo o dia pelas ruas, vamos aos teatros. Qual varíola!

Vê como toda gente ri e goza. Deixa de preocupações.

De manhã, porém, nós líamos juntos, ao almoço, os jornais. Para que mentir? Havia, havia sim!

A sinistra rebentava em purulências toda a cidade. Um dia em que passava por uma igreja, Francisco ouviu os sinos a badalar sinistramente. Teve a curiosidade de saber por quem tão tristes badalavam e perguntou a um velho.

- É promessa, meu senhor, é para que Santo António não mate a todos nós de bexiga.

Francisco ficou como desvairado. Ao jantar encontrou-se comigo.

- Ah!, filho, falta-me o apetite. Estamos perdidos. É impossível lutar. Ela está

aí.

- Acabas doido.

- Antes! - fez, no orgulho da sua beleza.

Há uma semana, indo por uma rua de subúrbio, encontrou com gritos e imprecações um bando de gente que arrastava ao sol um caixão. Era uma pobre família levando à igreja o cadáver de uma criança em holocausto, para que Deus tivesse piedade e misericórdia. A impressão prostrou-o.

Chegou à casa ainda mais assustado.

- Sabes! Estamos perdidos. A polícia já deixa arrastarem os variolosos pela rua. Dentro em pouco só lepra, a lepra de dentro encherá as ruas. Cada dia aumenta mais, cada dia aumenta. Quando chegará a nossa vez?

- Mas vai embora, homem, sobe a montanha, afasta-te...

E comecei eu também a indagar, a querer saber. Então, continuava? Como era? Como se morria de bexigas? As pessoas ficavam muito coradas, sentiam febre. Havia várias espécies. A pior é a que matava sem rebentar, matava dentro, dentro da gente, apodrecendo em horas! Palavra, não era para brincadeiras. O Francisco abalara para o Corcovado, uma noite, sem me falar, sem me dar um abraço, e de repente naquela manhã, hoje, sabia por uma nota que ele estava no São Sebastião, com bexiga também, talvez morto! Deu-me um grande ímpeto! Covarde! Fora o medo.

E agora? Era preciso vê-lo, não era possível deixa-lo morrer sem um amigo ao lado. Nunca tive medo de moléstias, morre quem tem de morrer. Depois a cidade estava tão alegre, tão movimentada, tão descuidosa. Tomei o *tramway* quase tranqüilo. Mas ali, tudo indica a morte, a angústia, o horror, ali é impossível, e eu sentia um frio, um frio...

"- Estamos no ponto terminal; não salta?" diz-me o condutor, virando os bancos. Faço um esforço, salto. E vou. Vou devagar, vou não querendo ir. A impressão de fim, de extinção

violenta! Aquele recanto, aquele hospital com ar de *cottage* inglês aviltado por usinas de

porcelana, é bem o grande forno da peste sangrenta. Como deve morrer gente ali, como devem estar morrendo naquele instante. Desço a rua atordoado, com um zumbido nos ouvidos. O mar é um vasto coalho de putrefações, de lodo que se bronzeia e se esverdinha em gosmas reluzentes na praia morna. O chão está todo

sujo, e passam carroças da Assistência, carroças que vêm de lá, que para lá vão. Quase não há rumor. É como se os transeuntes trouxessem rama de algodão nos pés. Só as carroças fazem barulho. E quando param - como elas param! - é o pavor de ver descer um monstro varioloso, desfeito em pus, seguindo para a cova... Espero que não haja nenhuma carroça à porta, precipito-me pela alameda que sobe ao hospital. Vou quase a correr, paro à porta de uma sala que parece escritório.

- O diretor?

- É alguma coisa de urgente? - indaga um jovem.

- É. É e não é.

- Vou preveni-lo. Sente-se. O senhor está pálido.

Caio numa cadeira. Sinto as mãos frias. As pernas tremem. Eu tenho medo, oh! muito medo... E aquele trecho da secretaria não é para acalmar o destrambelhamento dos meus nervos. Tudo é branco, limpo, asseado, com o ar indiferente nas paredes, nos móveis sem uma poeira. Os empregados, porém, movem-se com a precipitação triste a que a morte obriga os que ficam.

Retintins de telefones repicam seguidamente nos quatro cantos. Os diálogos cruzam-se, diálogos em que as vozes falam para dores indizíveis.

- Mais um doente?

- Ah! sim, ciente.

- Qual? Não há mais lugar. O de nome José Bernardino? Vou ver.

E mais adiante:

- Olhe, 425? Morreu ontem à noite. Se já seguiu? Já.

Enquanto essas notícias são dadas às bocas dos fones, há mulheres pálidas e desgrenhadas que esperam novas dos seus doentes, há velhos, há homens de face desfeita, uma série de caras em que o mistério da morte, lá fora, entre as árvores, incute um apavorado respeito e uma sinistra revolta. Quantas mães sem filhos! Quantos pais à espera da certeza da morte dos filhos! Quantos filhos ali, apenas para tratar do enterro dos que lhe deram o ser. Ela não respeita idade, passa a foice purulenta em tudo, está lá reinando, fora, no jardim, entre as árvores, morro acima. Os funcionários têm uma delicadeza fria.

- Que deseja, minha senhora?

- Saber do meu filho. É o 390.

- Há quantos dias?

- Há quatro. Ainda elas não tinham saído. Foi o médico que disse. Ai! O meu pequeno!

- Está decerto no pavilhão de observação. Vou mandar ver.

- Meu senhor, a minha mulherinha, diga-me por Deus, diga-me.

- Espere, homem. Nada de barulho.

Os retintins telefônicos continuam. Algumas faces não dizem nada. Estão lá sentadas, esperando, esperando, esperando. E há marcados, marcados do terrível mal, que vão sair, não morreram, estarão dentro em pouco na rua com a fisionomia torcida, roída, desfeita para todo o sempre. E ele? E Francisco? Ficar assim? Assim, horrível, horrível... É preciso vê-lo! É preciso!

O rapaz volta, faz-me um gesto, sigo-o, dou no gabinete do diretor, muito louro, com a sua face inteligente vincada de tristeza.

- Então, por cá? Não teve medo? Está com a mão fria. Ah! meu amigo, a apostar que não acreditava na devastação do mal? Pois é horrível, é inaudito. Tenho presentemente no hospital setecentos e vinte doentes, desde varíola hemorrágica, que mata em horas, até a bexiga branca, que nem sempre mata. Já não há lugares. Nunca São Sebastião esteve assim. Mande construir às pressas mais dois pavilhões. Estou arrasado de trabalho e desolado. Afinal, por mais que se esteja habituado, sempre se tem coração para sentir a dolorosa atmosfera de desgraça... Mas que deseja? Diga.

- Eu desejava tomar uma informação. Está aqui no hospital um rapaz do norte, Francisco Nogueira, estudante...

- Francisco? Há tanta gente que entra e tão pouca que sai. Em que dia entrou?

- Creio que anteontem.

- Vou mandar ver.

Tocou um tímpano. Apareceu um funcionário. Falaram ambos.

O funcionário saiu, e desde que saiu, um tremor apoderou-se do meu corpo. Estaria morto? Estaria vivo? Aquela carne feita de ouro e de rosas já teria se transformado numa chaga purulenta? E se estivesse morto? Uma criança tão cheia de esperanças, tão entusiástica, tão pura, sem os pais aqui, sem ninguém a não ser eu, que tremia. Nossa Senhora! Que me viriam dizer? E ao mesmo tempo, o desejo de encobrir tamanha emoção forçava-me a fingir um sorriso, a dizer mundanamente coisas frívolas ao homem bom cujos olhos tinham tanta piedade.

- É o diabo. A epidemia tem impedido vários prazeres da *season*. As grandes estrelas mundiais, os teatros...

- Pouca gente.

- Menos do que se devia esperar. Não frequenta?

- Não tenho tempo.

- Ninguém dirá entretanto que a varíola...

- Nas grandes cidades as pestes dão uma impressão muito menos dolorosa do que outrora...

- Na Idade Média, não, doutor?

Mas um nó subitâneo estrangula-me a frase. O funcionário voltara, dava informações baixo ao diretor. O médico pôs-se de pé e diante de mim.

- Está cá. Entrou anteontem. Está vivo. O médico da enfermaria diz que há esperanças.

- Quero vê-lo, doutor.

Houve uma pausa grave.

- É vacinado?

- Sou.

- Já viu um varioloso?

- Não.

- Gosta desse rapaz?

- É meu amigo.

O diretor pensou. Depois:

- E melhor não vê-lo. Aceite o meu conselho. A ele nada falta. O senhor parece tão comovido. Tenha esperança, vá descansar. As emoções fazem mal neste período...

- Quero vê-lo, doutor, quero. É um grande obséquio que lhe fico a dever.

O diretor ainda hesitou um instante, mas diante da minha resolução que se fazia súplica, fez um gesto e eu acompanhei o funcionário, passei a secretaria, entrei no jardim, comecei a subir para o morro onde entre as árvores erguiam-se os grandes pavilhões, com as redes das janelas pintadas de vermelho. Era ali, naqueles enormes galpões, com janelas forradas de tela rubra que a varíola punha putrefações e gangrenas nos corpos dias antes bons. O homem ia depressa, e eu arquejava atrás, com as têmporas batendo. Meu Deus! Que iria ver? Que se daria? De repente parou,

subiu uma escada. Subi também. Abriu uma porta de tela, entro. Entrei com ele. Abriu outra, passou. Passei com ele. Encaminhou-se para um compartimento. Segui-o. Onde estava eu? Sei lá! Não sabia! Não sabia! Vi-me diante de um leito, onde um cobertor tapava, por completo, pequeno volume. Para diante havia outros leitos cobertos de vermelho, outros muitos cobrindo a negregada. Certo cavalheiro indagava: "- Quer ver então?" "- Sim, senhor." "- Não é grave. Este escapa. Mas tenha coragem!"

Depois, com infinito cuidado, pegou das pontas do cobertor e foi levantando aos poucos. Fechei os olhos, abri-os, tornei a fecha-los. " Não há engano?" "- A papeleta não erra. É ele mesmo." Eu tinha diante de mim um monstro. As faces inchadas, vermelhas e em pus, os lábios lívidos, como para arrebentar em sãnie. Os olhos desaparecidos meio afundados em lama amarela, já sem pestanas e com as sobrancelhas comidas, as orelhas enormes. Era como se aquela face fosse queimada por dentro e estalasse em empolas e em apostemas a epiderme. Quis recuar, quis aproximar-me. Só consegui dizer para o horror: "- Francisco, Francisco, então como vais?" Os lábios moveram-se, e uma voz, outra voz, uma voz que era outra, passou vagarosa: "- Ah! és tu?"

Enquanto isso o corpo não fazia um gesto. Era ele, ele, sim, porque sobre o travesseiro, só uma coisa não desaparecera dele e da podridão parecia tomar um redobro de brilho: a sua enorme cabeleira negra, com reflexos de ouro azul-tinta...

Então veio-me um louco desejo de chorar, um desejo desvairado. Fiz um vago gesto. O funcionário abriu-me a porta e eu saí tropeçando, descí o morro a correr quase, entre os

empregados num vaivém constante e as macas que subiam com as podridões. Um delírio

tomava-me. As plantas, as flores dos canteiros, o barro das encostas, as grades de ferro do portão, os homens, as roupas, a rua suja, o recanto do mar escamoso, as árvores, pareciam atacados daquele horror de sangue maculado e de gangrena. Parei. Encarei o sol, e o próprio sol, na apoteoso de luz, pareceu-me gangrenado e pútrido. Deus do céu! Eu tinha febre. Corri mais, corri daquela casa, daquele laboratório de horror em que o africano deus selvagem da Bexiga, Obaluaiê, escancarava a face deglutindo pus. E atirei-me ao bonde, tremendo, tremendo, tremendo... Há epidemia, oh! sim, há epidemia! E eu tenho medo, meu amigo, um

grande, um desastrado pavor...

E Luciano Torres, após a narrativa, caiu-me nos braços a soluçar. Era de noite e foi há dois dias.

Ontem vieram dizer-me que Luciano Torres, meu amigo e colega, fora conduzido em automóvel da Assistência do seu elegante apartamento das Laranjeiras para o posto de observação. Está com varíola.

Fonte: RIO, João do. A peste. Disponível em:

<<https://www.epedagogia.com.br/materialbibliotecaonline/358A-pestes.pdf>> Acesso em: 13 de fev. de 2026.

ANEXO V – MÁGOA DE VAQUEIRO, DE HUGO DE CARVALHO RAMOS

Como os galos viessem amiudando e fora andasse a garoa fria de inverno que precede as primeiras horas do amanhecer, o Zeca Menino, largando num tamborete o par com quem dera a última volta da catira, esgueirou-se pelo corredor, atravessou sorrateiramente a varanda de terra batida, onde a mesa posta ostentava ainda os sobejos da ceia – frascos de licor e o doce de buriti esparramando-se na toalha besuntada – e saiu pelos fundos da casa. No terreiro, encolhido ao aconchego da fogueira, gemia ainda àquela hora o tio Ambrosino, viola ao peito, respondendo na prima:

*A florzinha do pau-d'arco
É da cor do entardecer,
Traz tristeza, traz quebranto,
Tu, que não hás de trazer...*

Em pontas de pé, dissimulando o tilintar das rosetas no cachorro das esporas, Zeca Menino alcançou o alpendre à banda, desamarrou a mula estradeira e voltou montado ao oitão da casa, raspando-se no peitoril duma janela, que arranhou suavemente com o cabo da açoiteira. Os tampos descerraram-se sem rumor; um vulto esquivo deixou-se escorregar para a garupa roliça da besta, e o estrépito abafado do animal, que ganhara a porteira e se afastava na cerração, misturou-se perdido aos zangarreios da sanfona, reavivando dentro a animação dos comparsas.

Junto ao fogo semi-extinto, cabeceando de sono, farto da queimada engolida aos gorgolões, o tio Ambrosino interrompera o curso de suas divagações e cachimbava distraído: – Homem, a modo que já vão andando... Ah, meu tempo, aguentava firme no sapateio até pegar o sol com a mão!...

E caducou em solilóquio, levado de novo pelo curso da borracheira:

*Lá na serra dos Angicos
Quanta flor anda a brotar! Assim também são teus olhos
Quando pões-me a namorar...*

Despertado, um galo cacarejou no poleiro ao pé, num grande grito de alarma.

– Carijó que assim canta, é que fugiu moça de casa.

Mas o frio apertava, a lua ia a perder-se por detrás das serranias; e tio Ambrosino recolheu-se tropeçando ao abrigo da varanda, a espertar o corpo perrenque num último gargarejo da queimada.

E só quando as barras vinham quebrando e era manhã feita nas morrarias do nascente e o último convidado, que morava mais chegado, se despedia do festeiro – num salamaleque derreado onde havia ainda bifadas de cachaça e licor de jenipapo – que este deu pela ausência da filha, chamando-a para a bênção do padrinho.

Houve um rebuliço. O vaqueiro gritava para dentro, supondo-a recolhida; e o Ambrosino, escarranchado na pileca manca, atalhou com voz pachorrenta:

– Ora, não se afobe, compadre, a afilhada já dorme, moída da festança; também, requebrou-se a noite toda com o manhoso do Zeca Menino, agora dorme...

E partiu, no passo ronceiro da mula cambeta, pendependendo no arção, as pálpebras inchadas, num sono invencível de sapo borracho.

O outro, porém, mal o viu desaparecer no cotovelo do atalho, embarafustou pelo rancho, andou lá por dentro remexendo, repondo os trastes em seus lugares; e, num pressentimento, chamou junto ao quarto da filha:

– Ó Maria!...

Mas um silêncio angustioso pairou após o brado do velho; e ele, resolutamente, meteu ombros à porta, cuja tranca cedeu sem dificuldade.

A cama estava como na véspera a vira, quando lá entrara para apanhar a bandeira do santo; a colcha de chita bem esticada, fronhas dos travesseiros intactas, sem vinco ou ruga duma cabeça que ali repousasse alguns instantes; e o rosário das orações como sempre, pendurado na cabeceira. Da Mariazinha, porém, nem vestígio.

Ele olhava apatetado, sem compreender; foi à cozinha, na esperança de encontrá-la dobrada sobre o jirau de mantimentos, quando lá fora talvez buscar a candeia de azeite e se deixara ficar, vencida do sono; foi, e apenas o bichano, mui gordo e ronronento, abriu para ele da trempe do borralho onde se aboletara, uns grandes olhos deslavados de espanto e ronronando ficara de novo a dormir, no calor brando das cinzas.

O velho Tónico percorreu todas as dependências daquele pobre rancho de

vaqueiro, a sala, a varanda e sua própria divisão; saiu, foi ao alpendre e até o chiqueiro e o fundo do quintal inquiriu ansiosa, inutilmente.

Veio ao terreiro da frente, o sol já nado; e só então a dor expluiu, numa crise de lágrimas e recriminações.

Fugira, a malvada! E com quem, Santa Maria, com o Zeca Menino certamente, um perdido de pagodeiras e do truque, brigão vezeiro nas redondezas, sujeito que além da garrucha e da besta de sela, só tinha por si essa estampa escorreita de mestiço madraço e preguiçoso! E por que, Virgem Maria, se ele nunca se intrometera no namoro, até satisfaria a vontade de ambos, dando o consentimento; ele que, mal da idade, com tão pouco se contentava – vê-la sempre de sorriso à boca ao batente da porta, quando viesse das malhadas, e a tigelinha de café bem requentada, quando partisse pela manhã para as labutas do campo! Ele que, bom Deus dos fracos, só tinha aquele mimo na sua velhice desamparada e solitária de viúvo, à beira dum atalho sempre deserto e cujo vizinho mais próximo, o Ambrosino, ficava a duas léguas de distância!

E arrepelava a grenha, num pasmo mudo agora, como se nem pensar naquilo valesse mais a pena, tão absurda parecia a desgraça que se lhe abatera sobre o casebre.

Ah! não ter dez anos para menos, não virasse já os sessenta bem puxados, tivesse o pulso a rijeza de outrora e partiria sem detença, no rosilho troncho, pronto a tirar a desforra merecida da afronta!

Mas o corpo já não dava de si e ele bem sabia quão boa estradeira era a mula ruana em que haviam partido. Àquela hora, já transpunham a mata funda, rumo do Paranaíba e talvez das terras mineiras do Triângulo, bem longe da sanha e da ojeriza impotente de seu amor paterno ludibriado.

E num dasalento, amparou-se ao cupinzeiro que erguia o seu cone crivado à frente da palhoça, a olhar emudecido, em desespero.

O sertão abria-se naquela manhã de junho festivo, na glória fecunda das ondulações verdes, sombreado aqui pelas restingas das matas, escalonado mais além pelas colinas aprumadas, a varar o céu azul com suas aguilhadas de ouro; batuíras e xenxéns chalravam nas embaúbas digitadas dos grotões; e um sorvo longo de vida e contentamento errava derredor, no catingueiro roxo dos serrotes, emperolado da orvalhada, a recender acre, e nas abas dos montes e encruzilhadas,

onde preás minúsculos e calangos esverдинhados retouçavam familiares, ao esplendor crescente do dia.

Ele ficara mudo, olhos apalermados, virado o rosto para a volta da estrada, de cuja orla subia um nevoeiro luminoso, que o mormaço solar irisava.

Ali permaneceu horas a fio, o sol já dardejando a prumo, indiferente à canícula, mãos túrgidas engalfinhadas na barba intonsa, boca contorcida numa visagem estranha de mágoa, a olhar longe, muito longe, para além das colinas longínquas e do céu anilado.

À tarde, o eco dum aboiado rolou pelo fundo da várzea, ondulando dolentemente de quebrada em quebrada, num despertar intenso de saudade...

Eram boiadeiros que lá passavam, na estrada batida. O vaqueiro velho não saiu então como de costume, ferrão em punho, perneiras e guardapeito, escoreito e desempenado, no rosilho campeador, a dar a mão de ajuda àqueles forasteiros que lá iam, demanda das terras distantes e das feiras ruidosas dos sertões mineiros d'além — Paranaíba.

Continuava recostado no cômodo dos cupins, mão no queixo, olhando extático; somente, agora, a cabeça bronzeada pendia mais flacidamente sobre o peito de vaqueano, e o olhar com que via, era inexpressivo e desvidrado, desmedidamente aberto, estampando na retina empanada a visão pungente do sertão em festa, todo verde, e a orelha à escuta, longe, das notas derradeiras da canção nativa.

Morrera, ouvindo os ecos que lá iam do aboiado, a rolar, magoadamente, de quebrada em quebrada...

Ao pé, na roupeta singela de algodão em que se enfiotara, nas axilas, nos braços, pela boca e orelhas, ia cerce a faina das térmitas em rasgar, picar, cortar e estraçalhar aquele estorvo molengo que se lhes abatera desde cedo por cima da casa...

Fonte: RAMOS, Hugo de Carvalho. Mágoa de Vaqueiro]. In: TROPAS E BOIADAS. Disponível em: <https://literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=89735>. Acesso em: 13 fev. 2026.

ANEXO VI – TREZENTAS ONÇAS, DE JOÃO SIMÕES LOPES NETO

— Eu tropeava, nesse tempo. Duma feita que viajava de escoteiro, com a guaiaca empanzinada de onças de ouro, vim varar aqui neste mesmo passo, por me ficar mais perto da estância da Coronilha, onde devia pousar.

Parece que foi ontem!... Era por fevereiro; eu vinha abombado da troteada.

— Olhe, ali, na restinga, à sombra daquela mesma reboleira de mato, que está nos vendo, na beira do passo, desencilhei; e estendido nos pelegos, a cabeça no lombilho, com o chapéu sobre os olhos, fiz uma sesteada morruda.

Despertando, ouvindo o ruído manso da água tão limpa e tão fresca rolando sobre o pedregulho, tive ganas de me banhar; até para quebrar a lombeira... e fui-me à água que nem capincho!

Debaixo da barranca havia um fundão onde mergulhei umas quantas vezes; e sempre puxei umas braçadas, poucas, porque não tinha cancha para um bom nado.

E solito e no silêncio, tornei a vestir-me, encilhei o zaino e montei.

Daquela vereda andei como três léguas, chegando à estância cedo ainda, obra assim de braça e meia de sol.

— Ah!...esqueci de dizer-lhe que andava comigo um cachorrinho brasino, um cusco mui esperto e boa vigia. Era das crianças, mas às vezes dava-me para acompanhar-me, e depois de sair a porteira, nem por nada fazia cara-volta, a não ser comigo. E nas viagens dormia sempre ao meu lado, sobre a ponta da carona, na cabeceira dos arreios.

Por sinal que uma noite...

Mas isto é outra cousa; vamos ao caso.

Durante a troteada bem reparei que volta e meia o cusco parava-se na estrada e latia e corria pra trás, e olhava-me, olhava-me, e latia de novo e troteava um pouco sobre o rastro; — parecia que o bichinho estava me chamando!... Mas como eu ia, ele tornava a alcançar-me, para dai a pouco recommear.

— Pois, amigo! Não lhe conto nada! Quando botei o pé em terra na ramada da estância, ao tempo que dava as — boas-tardes! — ao dono da casa, agüentei um tirão seco no coração... não senti na cintura o peso da guaiaca!

Tinha perdido trezentas onças de ouro que levava, para pagamento de gados que ia levantar.

E logo passou-me pelos olhos um clarão de cegar, depois uns coriscos tirante a roxo... depois tudo me ficou cinzento, para escuro...

Eu era mui pobre — e ainda hoje, é como vancê sabe... — ; estava começando a vida, e o dinheiro era do meu patrão, um charqueador, sujeito de contas mui limpas e brabo como uma manga de pedras...

Assim, de meio assombrado me fui repondo quando ouvi que indagavam:

— Então patrício? está doente?

— Obrigado! Não senhor, respondi, não é doença; é que sucedeu-me uma desgraça: perdi uma dinheirama do meu patrão...

— A la fresca!...

— É verdade... antes morresse, que isto! Que vai ele pensar agora de mim!...

— É uma dos diabos, é...; mas não se acoquine, homem!

Nisto o cusco brasino deu uns pulos ao focinho do cavalo, como querendo lambê-lo, e logo correu para a estrada, aos latidos. E olhava-me, e vinha e ia, e tornava a latir...

Ah!... E num repente lembrei-me bem de tudo. Parecia que estava vendo o lugar da sesteada, o banho, a arrumação das roupas nuns galhos de sarandi, e, em cima de uma pedra, a guaiaca e por cima dela o cinto das armas, e até uma ponta de cigarro de que tirei uma última tragada, antes de entrar na água, e que deixei espetada num espinho, ainda fumegando, soltando uma fitinha de fumaça azul, que subia, fininha e direita, no ar sem vento...; tudo, vi tudo.

Estava lá, na beirada do passo, a guaiaca. E o remédio era um só: tocar a meia rédea, antes que outros andantes passassem.

Num vu estava a cavalo; e mal isto, o cachorrinho pegou a retouçar, numa alegria, ganiando — Deus me perdoe! — que até parecia fala.

E dei de rédea, dobrando o cotovelo do cercado.

Ali logo frenteei com uma comitiva de tropeiros, com grande cavalhada por diante, e que por certo vinha tomar pouso na estância. Na cruzada nos tocamos todos na aba do sombreiro; uns quantos vinham de balandrau enfiado. Sempre me deu uma coraçonada para fazer umas perguntas... mas engoli a língua.

Amaguei o corpo e penicando de esporas, toquei a galope largo.

O cachorrinho ia ganiçando, ao lado, na sombra do cavalo, já mui comprida.

A estrada estendia-se deserta; à esquerda os campos desdobravam-se a perder de vista, serenos, verdes, clareados pela luz macia do sol morrente, manchados de pontas de gado que iam se arrolhando nos paradouros da noite; à direita, o sol, muito baixo, vermelho-dourado, entrando em massa de nuvens de beiradas luminosas.

Nos atoleiros, secos, nem um quero-quero: uma que outra perdiz, sorrateira, piava de manso por entre os pastos maduros; e longe, entre o resto da luz que fugia de um lado e a noite que vinha, peneirada, do outro, alvejava a brancura de um João-grande, voando, sereno, quase sem mover as asas, como numa despedida triste, em que a gente também não sacode os braços...

Foi caindo uma aragem fresca; e um silêncio grande, em tudo.

O zaino era um pingaço de lei; e o cachorrinho, agora sossegado, meio de banda, de língua de fora e de rabo em pé, troteava miúdo e ligeiro dentro da polvadeira rasteira que as patas do flete levantavam.

E entrou o sol; ficou nas alturas um clarão afogueado, como de incêndio num pajonal; depois o lusco-fusco; depois; cerrou a noite escura; depois, no céu, só estrelas..., só estrelas...

O zaino atirava o freio e gemia no compasso do galope, comendo caminho. Bem por cima da minha cabeça as Três-Marias tão bonitas, tão vivas, tão alinhadas, pareciam me acompanhar..., lembrei-me dos meus filhinhos, que as estavam vendo, talvez; lembrei-me da minha mãe, de meu pai, que também as viram, quando eram crianças e que já as conheceram pelo seu nome de Marias, as Três-Marias. — Amigo! Vancê é moço, passa a sua vida rindo...; Deus o conserve!..., sem saber nunca como é pesada a tristeza dos campos quando o coração pena!...

— Há que tempos eu não chorava!... Pois me vieram lágrimas..., devagarinho, como gateando, subiram... tremiam sobre as pestanas, luziam um tempinho... e ainda quentes, no arranco do galope lá caíam elas na polvadeira da estrada, como um pingo d'água perdido, que nem mosca nem formiga daria com ele!...

Por entre as minhas lágrimas, como um sol cortando um chuveiro, passou-me na lembrança a toada dum verso lá dos meus pagos:

*Quem canta refresca a alma,
Cantar adoça o sofrer;*

Quem canta zomba da morte:

Cantar ajuda a viver!...

Mas que cantar, podia eu!...

O zaino respirou forte e sentou, trocando a orelha, farejando no escuro: o bagual tinha reconhecido o lugar, estava no passo.

Senti o cachorrinho respirando, como assoleado. Apeei-me.

Não bulia uma folha; o silêncio, nas sombras do arvoredor, metia respeito... que medo, não, que não entra em peito de gaúcho.

Embaixo, o rumor da água pipocando sobre o pedregulho; vaga-lumes retouçando no escuro. Desci, dei com o lugar onde havia estado; tentei os galhos do sarandi; achei a pedra onde tinha posto a guaiaca e as armas; corri as mãos por todos os lados, mais pra lá, mais pra cá...; nada! nada!...

Então, senti frio dentro da alma..., o meu patrão ia dizer que eu o havia roubado!... roubado!... Pois então eu ia lá perder as onças!... Qual! Ladrão, ladrão, é que era!...

E logo uma tenção ruim entrou-me nos miolos: eu devia matar-me, para não sofrer a vergonha daquela suposição.

É; era o que eu devia fazer: matar-me... e já, aqui mesmo!

Tirei a pistola do cinto; armei-lhe o gatilho..., benzi-me, e encostei no ouvido o cano, grosso e frio, carregado de bala...

— Ah! patrício! Deus existe!...

No refilão daquele tormento, olhei para diante e vi... as Três-Marias luzindo na água... o cusco encarapitado na pedra, ao meu lado, estava me lambendo a mão... e logo, logo, o zaino relinchou lá em cima, na barranca do riacho, ao mesmíssimo tempo que a cantoria alegre de um grilo retinia ali perto, num oco de pau!...

— Patrício! não me avexo duma heresia; mas era Deus que estava no luzimento daquelas estrelas, era ele que mandava aqueles bichos brutos arredarem de mim a má tenção...

O cachorrinho tão fiel lembrou-me a amizade da minha gente; o meu cavalo lembrou-me a liberdade, o trabalho, e aquele grilo cantador trouxe a esperança...

Eh-pucha! patrício, eu sou mui rude... a gente vê caras, não vê corações...; pois o meu, dentro do peito, naquela hora, estava como um espinilho ao sol, num

descampado, no pino do meio-dia: era luz de Deus por todos os lados!...

E já todo no meu sossego de homem, meti a pistola no cinto. Fechei um baio, bati o isqueiro e comecei a pitar.

E fui pensando. Tinha, por minha culpa, exclusivamente por minha culpa, tinha perdido as trezentas onças, uma fortuna para mim. Não sabia como explicar o sucedido, comigo, acostumado a bem cuidar das cousas. Agora... era vender o campito, a ponta de gado manso — tirando umas leiteiras para as crianças e a junta dos jaguanés lavradores — vender a tropilha dos colorados... e pronto! Isso havia de chegar, folgado; e caso mermasse a conta..., enfim, havia se ver o jeito a dar... Porém matar-se um homem, assim no mais... e chefe de família... isso, não!

E d'espacito vim subindo a barranca; assim que me sentiu o zaino escarceou, mastigando o freio.

Desmaneei-o, apresilhei o cabresto; o pingo agarrou a volta e eu montei, aliviado.

O cusco escaramuçou, contente; a trote e galope voltei para a estância.

Ao dobrar a esquina do cercado enxerguei luz na casa; a cachorrada saiu logo, acuando. O zaino relinchou alegremente, sentindo os companheiros; do potreiro outros relinchos vieram.

Apeei-me no galpão, arrumei as garras e soltei o pingo, que se rebolcou, com ganas.

Então fui para dentro: na porta dei o — Louvado seja Jesu-Cristo; boa-noite! — e entrei, e comigo, rente o cusco. Na sala do estancieiro havia uns quatro paisanos; era a comitiva que chegava quando eu saía; corria o amargo.

Em cima da mesa a chaleira, e ao lado dela, enroscada, como uma jararaca na ressolana, estava a minha guaiaca, barriguda, por certo com as trezentas onças, dentro.

— Louvado seja Jesu-Cristo, patrício! Boa-noite! *Entonces*, que tal le foi de susto?...

E houve uma risada grande de gente boa.

Eu também fiquei-me rindo, olhando para a guaiaca e para o guaieva, arrolhadito aos meus pés...

Fonte: NETO, João Simões de Lopes. Trezentas onças. In: Contos gauchescos. Disponível em: <<https://literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=117679#TREZENTASON%C3%87AS>> Acesso em 13 fev. 2026.